UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Artes

DECOLONIALIDADE NAS AULAS DE ARTE DO ENSINO FUNDAMENTAL I: festejos de siriri e cururu em Cuiabá-MT

Campo Grande/MS
2025

INÊS ROSA DE ARRUDA RIBEIRO

DECOLONIALIDADE NAS AULAS DE ARTE DO ENSINO FUNDAMENTAL I: festejos de siriri e cururu em Cuiabá-MT

Trabalho Final de Curso apresentado ao curso de Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arte da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, na forma de artigo como requisito para obtenção do título de **Mestre em Arte**, na linha Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes.

Orientação: Profa. Dra. Simone Rocha de Abreu.

Campo Grande/MS
2025

Ficha de Identificação elaborada pelo autor via Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFMS

RIBEIRO, INÊS ROSA DE ARRUDA.
DECOLONIALIDADE NAS AULAS DE ARTE DO ENSINO FUNDAMENTAL I: [manuscrito] : festejos de siriri e cururu em Cuiabá-MT / INÊS ROSA DE ARRUDA RIBEIRO. - 2025.
42 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Mestrado Profissional em Artes, Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande (MS), 2025.
Orientadora: Simone Rocha de Abreu.

1. Ensino de Arte. 2. Festejos Populares. 3. Siriri. 4. Cururu. 5. Identidade Cultural. I. Abreu, Simone Rocha de, orient. II. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

INÊS ROSA DE ARRUDA RIBEIRO

DECOLONIALIDADE NAS AULAS DE ARTE DO ENSINO FUNDAMENTAL I:

festejos de siriri e cururu em Cuiabá-MT

Trabalho Final de Curso apresentado ao curso de Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arte da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, na forma de artigo como requisito para **obtenção** do título de **Mestre em Arte**, na linha Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Simone Rocha de Abreu
(orientadora) Universidade Federal
de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Priscila Leonel de Medeiros Pereira
Universidade Estadual Paulista - UNESP- Profartes Rede Nacional

Profa. Dra. Beatriz Dos Santos
Landa Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul

A Ata da Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no Sistema Eletrônico de Informações (SEI), desenvolvido pelo TRF4 e implantado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, assim como em outros setores administrativos da União.

Campo Grande, 03 de setembro
de 2025.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES EM REDE NACIONAL
MESTRADO

Aos dois dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e cinco, às oito horas e trinta minutos, por webconferência pela ferramenta Google Meet, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, reuniuse a Banca Examinadora composta pelos membros: Simone Rocha de Abreu (UFMS), Beatriz dos Santos Landa (UEMS) e Priscila Leonel de Medeiros Pereira (UNESP), sob a presidência do primeiro, para julgar o trabalho da aluna: **INÊS ROSA DE ARRUDA RIBEIRO**, CPF ***.579.011-**, do Programa de Pós-Graduação em Artes em Rede Nacional, Curso de Mestrado, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, apresentado sob o título **"DECOLONIALIDADE NAS AULAS DE ARTE DO ENSINO FUNDAMENTAL I POR MEIO DO ENSINO DOS FESTEJOS DE SIRIRI E CURURU EM CUIABÁ-MT"** e orientação de Simone Rocha de Abreu. A presidente da Banca Examinadora declarou abertos os trabalhos e agradeceu a presença de todos os Membros. A seguir, concedeu a palavra à aluna que expôs sua Dissertação. Terminada a exposição, os senhores membros da Banca Examinadora iniciaram as arguições. Terminadas as arguições, a presidente da Banca Examinadora fez suas considerações. A seguir, a Banca Examinadora reuniu-se para avaliação, e após, emitiu parecer expresso conforme segue:

EXAMINADOR	**ASSINATURA**
Dra. Simone Rocha de Abreu (Interno)	
Dra. Beatriz dos Santos Landa (Externo)	
Dra. Priscila Leonel de Medeiros Pereira (Interno)	
Dra. Priscilla de Paula Pessoa (Interno) (Suplente)	

RESULTADO FINAL:

(X) Aprovação ( ) Aprovação com revisão ( ) Reprovação

OBSERVAÇÕES:

A banca destaca o adensamento teórico e metodológico da pesquisa após a qualificação, atendendo muitas das sugestões da banca naquela ocasião. A banca solicitou novas revisões e sugere a continuação da pesquisa e a apresentação do trabalho em eventos acadêmicos e a publicação em revistas da área de ensino de arte.

Nada mais havendo a ser tratado, a Presidente declarou a sessão encerrada e agradeceu a todos pela presença.

Assinaturas:

Banca Examinadora Aluna

Documento assinado eletronicamente por **Simone Rocha de Abreu**, **Professora do Magistério Superior**, em 05/09/2025, às 19:25, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Beatriz dos Santos Landa**, **Usuário Externo**, em 06/09/2025, às 14:35, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **INÊS ROSA DE ARRUDA RIBEIRO**, **Usuário Externo**, em 07/09/2025, às 20:14, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Priscila Leonel de Medeiros Pereira**, **Usuário Externo**, em 26/09/2025, às 16:51, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5814776** e o código CRC **53DDCC80**.

COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES - PROFISSIONAL

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Dedico a todos e todas que, diariamente, lutam pela decolonialidade, que as vozes jamais devem ser silenciadas e que a ancestralidade possa permanecer preservada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que nunca me abandonou e esteve comigo em cada etapa desta jornada.

Ao meu esposo André Luiz Cardoso Ribeiro, quem sempre me apoiou e sempre torceu pelas minhas conquistas.

Aos meus filhos, Júlia Beatriz e Pedro André, por serem minha energia quando já não tinha mais.

À minha orientadora, Simone Rocha de Abreu, expresso minha profunda gratidão pela orientação generosa e sábia ao longo da construção deste trabalho. Sua paciência, conhecimento e sensibilidade foram fundamentais para cada etapa desta jornada.

À banca examinadora, por compartilhar seu conhecimento com tanta generosidade e cuidado, contribuindo de forma essencial para que este trabalho alcançasse qualidade e profundidade.

A Capes por me contemplar com a bolsa de estudos.

A minha sogra Valmira, com todo o carinho e dedicação, quem foi fundamental nesta etapa da minha vida, cuidando dos meus filhos em todas as viagens que precisei fazer para estudar.

As minhas colegas e amigas de trabalho, Lilian Martins, Simone Silva e Marlene, que desde o início me incentivaram a seguir em frente com os meus estudos.

E a toda a minha família que sempre estiveram torcendo por cada sucesso conquistado

Precisamos desatar o nó, aprender a desaprender, e aprender a reaprender a cada passo (Mignolo, 2008, p.305).

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo avaliar e compreender a relevância, o significado e o impacto da inserção dos festejos tradicionais do Siriri e Cururu no ensino de Arte no ensino fundamental. Trata-se de uma investigação qualitativa, com intervenção de caráter participativo, realizada na EMEB Aristotelino Alves Praeiro, em Cuiabá-MT, entre maio e agosto de 2024, com uma turma de alunos do quarto ano. A metodologia consistiu em uma intervenção pedagógica estruturada em uma sequência didática que contemplou os aspectos históricos, sociais e culturais dessas manifestações. Participaram quarenta estudantes, os quais estiveram envolvidos de forma ativa em todas as etapas da intervenção pedagógica. A pesquisa favoreceu a valorização da cultura regional, o fortalecimento dos laços familiares, a conexão dos alunos com seu patrimônio cultural e o vínculo com a escola. Para a coleta de dados, foram utilizadas observação participante, registros fotográficos, anotações de campo e registros das produções artísticas dos estudantes. Além disso, os participantes da pesquisa ampliaram suas habilidades artísticas e a apreciação do patrimônio cultural regional, evidenciando o potencial transformador do ensino de Arte contextualizado e decolonial. Conclui-se que integrar manifestações culturais populares, em especial o Siriri e o Cururu em Cuiabá-MT, ao currículo escolar constitui uma estratégia eficaz para fortalecer a identidade cultural e promover uma educação mais plural, significativa e crítica, alinhada aos princípios da decolonialidade.

Palavras-chave: Ensino de Arte; Festejos populares; Siriri; Cururu; Identidade Cultural.

ABSTRACT

This research aimed to evaluate and understand the relevance, meaning, and impact of incorporating the traditional festivities of *Siriri* and *Cururu* into Art education in elementary school. It is a qualitative investigation, with participatory intervention, carried out at EMEB Aristotelino Alves Praeiro, in Cuiabá-MT, between May and August 2024, with a fourth-grade class. The methodology consisted of a pedagogical intervention structured in a didactic sequence that encompassed the historical, social, and cultural aspects of these manifestations. Forty students participated, actively engaging in all stages of the pedagogical intervention. The research fostered the appreciation of regional culture, strengthened family bonds, connected students with their cultural heritage, and reinforced their relationship with the school. Data collection included participant observation, photographic records, field notes, and documentation of the students' artistic productions. In addition, the participants expanded their artistic skills and their appreciation of regional cultural heritage, highlighting the transformative potential of contextualized and decolonial Art education. It is concluded that integrating popular cultural manifestations—especially *Siriri* and *Cururu* in Cuiabá-MT—into the school curriculum constitutes an effective strategy for strengthening cultural identity and promoting a more plural, meaningful, and critical education aligned with the principles of decoloniality.

Keywords: Arte Education; Popular Celebrations; Siriri; Cururu; Cultural Identity.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo evaluar y comprender la relevancia, el significado y el impacto de la incorporación de las festividades tradicionales de *Siriri* y *Cururu* en la enseñanza de Arte en la educación primaria. Se trata de una investigación cualitativa, con intervención participativa, realizada en la EMEB Aristotelino Alves Praeiro, en Cuiabá-MT, entre mayo y agosto de 2024, con un grupo de estudiantes de cuarto grado. La metodología consistió en una intervención pedagógica estructurada en una secuencia didáctica que abarcó los aspectos históricos, sociales y culturales de estas manifestaciones. Participaron cuarenta estudiantes, quienes estuvieron involucrados de forma activa en todas las etapas de la intervención pedagógica. La investigación favoreció la valorización de la cultura regional, el fortalecimiento de los lazos familiares, la conexión de los estudiantes con su patrimonio cultural y el vínculo con la escuela. Para la recolección de datos se utilizaron la observación participante, registros fotográficos, notas de campo y documentación de las producciones artísticas de los estudiantes. Además, los participantes ampliaron sus habilidades artísticas y la apreciación del patrimonio cultural regional, evidenciando el potencial transformador de la enseñanza de Arte contextualizada y decolonial. Se concluye que integrar manifestaciones culturales populares—en especial el *Siriri* y el *Cururu* en Cuiabá-MT—al currículo escolar constituye una estrategia eficaz para fortalecer la identidad cultural y promover una educación más plural, significativa y crítica, alineada con los principios de la decolonialidad.

Palavra clave: Educación Artística; Fiestas Populares; Siriri; Cururu; Identidad Cultural.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Projeto de Siriri Infantil **22**

Figura 2: Projeto Oficina, Cururu que vem da alma **23**

Figura 3: Apresentação de Siriri **23**

Figura 4: Apresentação de Siriri em espaço público **24**

Figura 5: Segundo momento da Intervenção - Poemas e Ilustrações **32**

Figura 6: Terceiro Momento - Construção da Viola-de-Cocho **33**

Figura 7: Terceiro Momento - Construção da Viola-de-Cocho **33**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: PARA INÍCIO DE CONVERSA **14**

1 FESTEJOS POPULARES: SIRIRI E CURURU **17**

1.1 Cururu: narrativa-poética do improviso **18**

1.2 Siriri: dança de pares com ritmos e cores **20**

1.3 Entre os festejos, quintais e festivais o tempo voa **21**

2 SOBRE A DECOLONIALIDADE E A EDUCAÇÃO… **24**

3 METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO REALIZADA **29**

3.1 Intervenção pedagógica **30**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **38**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **39**

INTRODUÇÃO: PARA INÍCIO DE CONVERSA

Nasci em Coxim, interior de Mato Grosso do Sul, onde cresci, estudei e me casei aos 23 anos. Após o casamento, mudei-me para Sinop, uma cidade na região norte do Mato Grosso, onde vivenciei uma nova realidade cultural. Nessa região, grande parte da população era composta por migrantes do sul do país, trazendo consigo suas próprias tradições e costumes. Essas experiências de deslocamentos despertaram em mim a percepção de como a cultura é fundamental para a identidade de um povo e como os indivíduos têm o direito de vivenciá-la e valorizá-la.

Durante os anos em Sinop, aprofundei meu conhecimento sobre os costumes familiares e os elementos culturais locais. Aos 25 anos, tornei-me mãe, e em 2016 decidi iniciar uma graduação em Licenciatura em Artes Visuais, concluída em 2019. Após uma década morando em Sinop e recém-formada, surgiu a oportunidade de participar de um concurso público na rede municipal de educação de Cuiabá (MT), no qual fui aprovada como professora de arte do ensino fundamental. Assim, em janeiro de 2020, aos 33 anos, assumi minha vaga na cidade.

Na fase final da minha graduação, desenvolvi meu trabalho de conclusão de curso (TCC) focado na cultura, especificamente nas manifestações do Siriri e do Cururu, que carregam fortes elementos de ancestralidade indígena, africana e portuguesa, presentes na dança e no canto improvisado dessas festas. Esta pesquisa de TCC reuniu e apontou alguns elementos do Siriri e Cururu, e despertou meu interesse em compreender mais profundamente essas manifestações culturais tão praticadas em Cuiabá e regiões vizinhas.

Ao ingressar na docência de Arte na rede municipal de Cuiabá em 2020, percebi que as manifestações culturais estudadas no trabalho final de graduação estavam presentes no cotidiano dos alunos, de forma viva e concreta. Essa vivência reforçou minha convicção de que tais manifestações têm muito a contribuir não apenas com a formação dos estudantes, mas também com a sociedade em geral. Além disso, evidenciou a importância de uma educação que fortaleça os vínculos identitários dos alunos com sua cultura local. A partir dessa constatação, decidi dar continuidade à minha pesquisa no mestrado, agora com um olhar voltado à relevância da valorização da cultura do estudante no espaço escolar.

Desde sempre, a arte faz parte da experiência humana. Basta olharmos ao redor: ela está nas ruas, nas casas, nos gestos cotidianos, muito além das paredes dos museus. A arte respira conosco, cresce conosco e, talvez por isso, seja tão essencial. Através dela,

conseguimos não apenas enriquecer nossa existência, mas também decifrar as complexidades do mundo – na verdade, dos múltiplos mundos que nos cercam.

Desse modo, arte, cultura e identidade caminham juntas. E é justamente esse entrelaçamento que torna possível uma abordagem mais humana e socialmente engajada.

Neste sentido, concordamos com Tomaz Tadeu e Antonio Flávio Moreira, organizadores da obra intitulada “Currículo, Cultura e Sociedade”, sobre teorias do currículo. Na introdução, os autores afirmam que "o currículo corresponde, (...) tanto a uma questão de conhecimento quanto a uma questão de identidade” (Tadeu e Moreira, 2013, p.7). Isso porque as teorias do currículo buscam responder a perguntas fundamentais: quais conhecimentos devem ser ensinados aos estudantes? e qual tipo de ser humano é desejável para cada sociedade?

Na mesma obra, no capítulo 4 intitulado “Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular “, Henry Giroux e Roger Simon (2013) refletem sobre a pedagogia crítica e o ensino da cultura popular em sala de aula e defendem que a escola deve oferecer acesso ao fortalecimento cultural dos alunos. Neste contexto, Giroux e Simon argumentam da seguinte maneira:

> Queremos intervir nesse debate afirmando que a escola é um território de luta e que a pedagogia é uma forma de política cultural. Em ambos os casos, queremos defender o argumento de que as escolas são formas sociais que ampliam as capacidades humanas, a fim de habilitar as pessoas a intervir na formação de suas próprias subjetividades e a serem capazes de exercer poder com vistas a transformar as condições ideológicas e materiais de dominação em práticas que promovam o fortalecimento do poder social e demonstrem as possibilidades da democracia (Giroux e Simon, 2013, p.109).

A escola precisa ser um espaço vivo, onde cada estudante possa se reconhecer na cultura que o cerca, aprender com as diferenças e se orgulhar das suas raízes e do lugar de onde vem. É fundamental que o processo de aprendizagem comece pelo que é mais próximo e familiar ao aluno, para que ele possa, gradativamente, ampliar a sua visão de mundo. Abster-se de que o estudante traz uma bagagem de conhecimento consigo é não levar em consideração uma parte significativa de sua identidade. O reconhecimento desses saberes impulsiona a consolidação do conhecimento e o aprimoramento da capacidade expressiva dos discentes. Tal abordagem contribui decisivamente para o seu desenvolvimento pleno.

Para que os estudantes tenham acesso ao conhecimento relacionado à cultura de seu entorno; reconheçam seus saberes adquiridos fora da escola por meio dessas manifestações populares; sintam-se representados no ambiente escolar; e se percebam como produtores de cultura, é fundamental que o currículo escolar oportunize esse contato e que as escolas desenvolvam ações nesse sentido. No entanto, o alinhamento com temas regionais muitas vezes é dificultado por questões associadas à colonialidade do poder (Quijano, 2005), o que reforça a necessidade de enfrentamento dessas estruturas, como será discutido na segunda seção desta pesquisa.

Portanto, este estudo destaca a relevância do ensino-aprendizagem da cultura popular, apoiado pelas leis 11.645/08 e 12.287/10, que regulamentam a inclusão de temas culturais no currículo escolar. A Lei 11.645/08 tornou obrigatório o ensino da história e cultura indígena e afro-brasileira no ensino fundamental e médio, o que representa um relevante apoio político e pedagógico para o combate ao preconceito, à discriminação e à subalternização dessas populações no Brasil. Além disso, contribui para a valorização das diferentes culturas, o fortalecimento de uma educação mais inclusiva e igualitária, e o reconhecimento da importância histórica e cultural dos afro-brasileiros e indígenas. Trata-se, portanto, de uma ferramenta fundamental para enfrentar o racismo, celebrar a diversidade e honrar as raízes que formam nossa identidade nacional.

Do mesmo modo, a Lei 12.287/10 reforça a importância de integrar as expressões culturais regionais ao currículo escolar. Sancionada em 13 de julho de 2010, essa legislação alterou o artigo 26, inciso 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), ampliando o reconhecimento da cultura local como parte essencial da formação dos estudantes, conforme o texto a seguir:

> **O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:
> Art. 1º O § 2º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, passa a vigorar com a seguinte redação:
> "Art.
> 26. .....
> .....
> § 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.
> . ....." (NR) (BRASIL, 2010).

A mudança representa um avanço junto à lei 11.645/08, ampliando o foco para além das culturas afro-brasileira e indígena ao dar maior visibilidade às manifestações culturais que nascem e vivem em cada região do país.

Essas legislações evidenciam a necessidade de aprofundar o entendimento sobre a cultura popular e de incorporá-la de forma mais frequente e contínua na escola, prática incentivada pelas recomendações de Paulo Freire, quem afirma:

> Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que - fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 1996, p.16).

O objetivo desta pesquisa é analisar a importância de incluir no ensino escolar os festejos populares do Siriri e Cururu, presentes na cultura popular de Cuiabá e redondezas. A intervenção pedagógica e coleta de dados da pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Educação Básica (EMEB) Aristotelino Alves Praeiro[1], com foco nos estudantes dos quartos anos do período matutino.

As hipóteses que orientam esta investigação são as seguintes: o ensino dessas manifestações culturais contribui para que os estudantes compreendam o mundo ao seu redor; o ensino dessas manifestações facilita o entendimento da ancestralidade dos estudantes; o ensino dessas manifestações fortalece os vínculos entre os estudantes e suas famílias. Dessa forma verificaremos a hipótese final de que o ensino dessas manifestações estimula a valorização da cultura regional pelos estudantes, promovendo o sentimento de pertencimento a ela.

Desse modo, esta pesquisa intitulada "**Decolonialidade nas aulas de arte do ensino fundamental I**: festejos de Siriri e Cururu em Cuiabá/MT", é composta por três seções: a seção 1, intitulada Festejos populares: Cururu e Siriri faz a contextualização desses festejos, trazendo dados históricos sobre essas manifestações. A segunda seção, de revisão bibliográfica, aborda os conceitos de colonialidade do poder e decolonialidade, além de descortinar a necessidade de uma postura decolonial nos planos pedagógicos. E, finalmente, a seção 3 versa sobre a metodologia de trabalho e enfoca a intervenção pedagógica e experienciada com os alunos do 4º ano matutino da EMEB Aristotelino Alves Praeiro.

[1] **Autorização do Comitê de Ética da UFMS:** Número do Parecer: 6.842.036

1 FESTEJOS POPULARES: CURURU E SIRIRI

Os festejos populares do Cururu e do Siriri são joias vivas da cultura brasileira, pulsando com força especialmente no coração do Centro-Oeste — terras de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Embora não se tenha um registro exato que aponte a origem dessas manifestações, sabe-se, por meio dos conhecimentos populares transmitidos oralmente — de boca em boca e de geração em geração — que esses festejos já ocorriam entre nós há tempos, embalando celebrações em honra aos santos, aniversários, batizados e até mesmo rituais de algumas etnias indígenas.

O Siriri e o Cururu não nasceram em um único dia, tampouco de uma única raiz. São frutos de encontros e desencontros — entre mundos, vozes e passos. Como bem observou o sociólogo e crítico literário Antônio Candido, em 1956, o Cururu talvez carregue no corpo o eco das danças cerimoniais indígenas, como quem guarda na pele o sopro ancestral de um tempo em que o Brasil ainda se desenhava, no mesmo texto, Candido acrescentou que provavelmente as práticas lembram o indígena catequizado e ao mameluco. Nesse sentido, o Cururu se revela como um desdobramento do processo colonizador, no qual o sagrado e o profano se entrelaçam, e a memória coletiva se faz dança, por isso, a afirmação acima de que o Siriri e o Cururu nasceram de encontro e desencontros entre muitos mundos, vozes e passos.

Afirmando o mesmo, mas com outras palavras, pode-se dizer: entre batuques e cantorias, o que se vê é mais do que festa: é resistência, é identidade, é alma que não se cala. E assim, o Cururu e o Siriri seguem vivos — não apenas como tradição, mas como poesia em movimento.

1.1 Cururu: narrativa-poética do improviso.

Cururu[2] é uma forma de canto improvisado feito por homens, que envolve uma narrativa-poética construída na forma de cantoria de improviso, pode ser feito em duplas, como um desafio entre os participantes, sempre acompanhado pela viola-de-cocho[3]. É

[2] **Cururu:** é realizado apenas por homens, podendo se apresentar como cantoria em forma de desafio, ou como uma celebração marcada por trovas de louvação, toques de violas-de-cocho e dança em roda. (fonte: IPHAN - Modo de Fazer Viola-de-Cocho,2009, p.51) Disponível em: http://portal.iphan.gov.br, acesso: 04 de maio de 2025.

[3] **Viola-de-cocho:** é um instrumento musical de forma e sonoridade sui generis produzido na região da bacia do Rio Paraguai – baixada cuiabana e adjacências – nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. É produzida de modo artesanal e, tradicionalmente com matérias-primas extraídas da natureza – da fauna e da flora do pantanal e do cerrado. (fonte: IPHAN - Modo de Fazer Viola-de-Cocho,2009,p.26) Disponível em: http://portal.iphan.gov.br, Acesso em: 04 de maio de 2025).

uma manifestação cultural exclusivamente masculina, realizada em um semicírculo, no qual cada cururueiro, nome recebido pelos cantantes, tem seu momento de participação, acompanhando-se de sua própria viola-de-cocho.

Os trajes característicos são compostos por camisa de manga longa, calça e sapato social, sempre acompanhados pelo tradicional chapéu de palha. Essa manifestação cultural está fortemente presente em celebrações religiosas, como missas e festas de santos, bem como em batizados e aniversários de famílias tradicionais, reafirmando seu papel na preservação dos costumes e na transmissão da identidade cultural ao longo das gerações.

O cientista alemão Karl von den Steinen, durante sua expedição pela região central do Brasil por volta de 1886, registrou em suas anotações a descrição do festejo do cururu, bem como os instrumentos que acompanhavam a cantoria, conforme mostra o seguinte trecho:

> O cururú é a dança preferida do Mato Grosso, da qual só participam os homens. Instrumentos de música: Koschó, violino com poucas cordas de tripa que os próprios moradores fabricam de madeira de Salgueiro; Krakaschá, um pedaço de bambú ou uma Cuia comprida com entalhos, o qual se toca outro pedaço de bambú "Krakascha "; Adulfe, um tamborim como velhas moedas de cobre em vez de guizos (Steiner, 1940, p.711).

Na segunda metade do século XIX, o Cururu era uma prática amplamente disseminada em festividades religiosas e encontros sociais entre amigos. Contudo, tais ocasiões frequentemente resultavam em conflitos, embriaguez e, às vezes, tragédias em decorrência da embriaguez. Além disso, a pesquisadora Luiza Volpato afirmou, no seu livro intitulado *Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888* (1993), que a elite local considerava a população pobre — composta por indígenas, escravizados e libertos, via de regra analfabetos — de natureza “pouco provida de moral” e, portanto passível de controle e repressão de ajuntamentos, considerados passível de tumultos, agressões, assassinatos, enfim, eventos perigosos e prejudiciais à ordem pública. Em razão dessas circunstâncias, a prática do Cururu foi proibida na cidade de Cuiabá, o que, ainda segundo Luiza Volpato (1993), não extinguiu por completo a sua prática, pois as pesquisas que a autora realizou em vasta documentação (tais como relatórios das autoridades provinciais, contratos de quartamento[4], inventários e

[4]Os contratos de quartamento foram contratos que permitiam ao escravizado pagar sua carta de alforria de maneira parcelada, esses contratos estão reunidos no Arquivo Histórico do Cartório do 2º Ofício. Segundo Volpato, “a leitura desse material foi de fundamental importância para a recuperação de informações sobre

testamentos, processos criminais e relatórios de chefes de polícia, além de textos jornalísticos de época) demonstraram que apesar da imposição proibitiva da lei, que punia com prisão os cururueiros, houve resistência e os indivíduos marginalizados, ignorados e excluídos continuaram a promover o Cururu e outras festas, enfrentando à repressão policial.

Para explicar a visão negativa que as famílias da alta sociedade de Cuiabá tinham sobre o Cururu, Luiza Volpato (1993) fundamentou sua pesquisa no cotidiano dos escravizados entre 1850 e 1888, utilizando documentos oficiais do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, textos jornalísticos e processos criminais a partir da década de 1860. Em sua análise, a autora destacou recorrentes momentos festivos relacionados ao Cururu e evidenciou sua proibição, uma vez que essa prática era considerada um "divertimento popular de mau gosto" e percebida como pouco civilizada pela sociedade da época (Volpato,1993, p.96).

O Cururu não tinha a aprovação da sociedade cuiabana em geral. Essas famílias mais abastadas estavam acostumadas a festas e passeios oferecidos pelas grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, essa classe percebia a cultura dos pobres, ou seja, das famílias com menos recursos que viviam em Cuiabá na época, reprovável, e impôs a opressão cultural da classe menos favorecida.

> Pelo alto índice de atritos que ocorriam nessas reuniões, as festas, funções, divertimentos, batuques, eram vistos pelas autoridades como momentos privilegiados de brigas e por isso evitados ao máximo. Batuques e funções eram controlados pelas posturas municipais; só podiam ocorrer com prévio consentimento das autoridades. Também era bastante controlada a realização de cururus: manifestação cultural típica das pessoas de Cuiabá, o cururu era visto com um desprezo pela classe dominante, que a criticava enquanto dança e buscava impedir sua realização, por considerá-lo como manifestação própria das classes baixas e, além disso, o motivador de brigas e disputas (Volpato, 1993, p. 205).

Entretanto, mesmo diante da opressão que visava a ausência da prática do festejo de cururu, essa manifestação cultural não acontecia apenas em Cuiabá, mas também em aldeias indígenas fora da cidade. Esse fato foi descrito pelo pesquisador Schmidt, quem em sua peregrinação por terras mato-grossenses testemunhou a prática do Cururu de maneira recorrente entre essas comunidades. Ele destacou que, muitas vezes, as noites constituíram momentos de descontração após o dia de trabalho, com o cururu se estendendo até tarde da noite:

---

as relações entre senhores e escravos, bem como sobre mecanismos utilizados na luta pela liberdade e contrato de trabalho envolvendo libertos" (op. cit, p.19).

> A viola e o canto lá na floresta soavam de longe aos meus ouvidos; os índios preparavam-se de novo para um cururú, fazendo-me lembrar que, por causa de esperanças perdidas, eu não devia deixar passar o que o presente me oferecia. (Schmidt,1942, p. 124).

Apesar das inúmeras tentativas de apagamento ao longo de décadas e até séculos, o Cururu tem gradualmente conquistado seu espaço na sociedade, assegurando respeito e reconhecimento por seu valor cultural. Essa manifestação não se restringe apenas ao âmbito religioso, mas também se insere em contextos de brincadeira, abrangendo ambas as categorias em suas apresentações, cuja definição depende da ocasião festiva. A autora Marlei Sigrist (2008), em sua obra intitulada *Chão Batido*, destacou esse aspecto lúdico do Cururu, evidenciando sua importância na preservação das tradições e na interação entre os participantes:

> Já foi dança, hoje é mais caracterizado como brincadeira, embora ainda existam algum passos executados pelos violeiros, como reflexões dos joelhos, simples e/ou complicadas, para animar essa brincadeira (Sigrist,2008, p.88)

Em 2013, foi fundada a *Associação Cururu Tradição Cuiabana*[5] com o propósito de fortalecer os grupos de cururu e siriri, promovendo a valorização e continuidade dessas manifestações culturais. Para isso, foram estruturadas aulas voltadas ao ensino da viola-de-cocho, além de oficinas destinadas à confecção desse instrumento tradicional, garantindo que o conhecimento fosse transmitido às novas gerações e reforçando a identidade cultural da região. Ao longo do tempo, o Cururu passou de uma dança tradicional para uma brincadeira mais lúdica, com passos simples ou elaborados pelos violeiros, que ajudam a animar as apresentações. Apesar das tentativas de repressão, ele permanece vivo na memória e na cultura das comunidades, simbolizando resistência e preservação das tradições.

1.2 Siriri: dança de pares com ritmos e cores.

O Siriri é uma dança de pares, em geral casais, e um gênero musical no qual são utilizados três instrumentos da região de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul: viola-de-cocho, ganzá e tamboril ou mocho. É dançado principalmente por mulheres, e tem lugar

[5] **Associação Cururu Tradição Cuiabana:** O Grupo de Cururu Tradição Cuiabana do Coxipó foi fundado no dia 12 de setembro de 2013, congregando mais de 30 cururueiros de Cuiabá e Várzea Grande. A Associação é composta por cerca de 50 associados que, além dos cururueiros, participam também membros da Comunidade, Esposas, Filhos, Netos e Amigos dos cururueiros. (fonte: SEMINÁRIO POLÍTICAS CULTURAIS. Música: Grupo de Cururu Tradição Cuiabana do Coxipó – MT. Disponível em:https://seminariopoliticasculturais.wordpress.com/ 29/01/2018 musica-grupo-de-cururu-tradicao-cuiabana-do-coxipo-mt/. Acesso em: 04 de maio de 2025).

nas festas católicas ou em outras ocasiões de divertimento e/ou devoção, inclusive no carnaval e festivais durante todo o ano. O Siriri está presente nas festas de santos, batizados, aniversários e diversos eventos culturais. Os espaços onde os grupos de Siriri se reúnem são chamados de quintais, vários deles oferecem, atualmente, projetos de dança para comunidade, no objetivo de preparar as novas gerações para darem continuidade à cultura popular, sendo que em alguns quintais esses projetos contemplam todas as faixas etárias, promovendo a inclusão desde crianças, jovens, adultos até a melhor idade (maiores de sessenta anos).

É uma dança realizada em duplas, formam-se grupos de casais, as moças com adornos nos cabelos, os quais podem estar presos ou não, com vestidos coloridos e sempre longos e bem rodados para ajudar no movimento rápido que realizam durante a dança. O figurino dos rapazes, por outro lado, consistem em camisa de manga longa, calça e sapatos sociais e chapéu de palha. Os instrumentos que fazem parte do siriri são a viola-de-cocho, tamboril[6], mocho[7] e o ganzá[8].

O viajante e etnólogo Schmidt registrou, em 1900, a presença do siriri, elemento que não havia sido mencionado nas observações anteriores de Steinen (1886) e Volpato (1993), que se limitaram a descrever o cururu apenas como canto e dança. Diante dessa informação, é possível que o termo "siriri" tenha surgido como uma forma de distinção entre o canto dos cururueiros e as danças animadas associadas ao siriri, reforçando a individualidade de cada manifestação cultural.

---

[6] **Tamboril:** está presente apenas na dança do siriri, sendo um dos instrumentos que dão ritmo aos dançarinos. Trata-se de um pequeno tambor apoiado em pés de madeira (geralmente cabos de vassoura), medindo aproximadamente um metro de altura, sendo que o tambor propriamente (sem os pés) atinge cerca de 70 cm. É percutido com duas pequenas baquetas de madeira, quase sempre feitas também com cabos de vassoura. O couro, de veado ou carneiro, reveste um cilindro de madeira construído ou aproveitado de algum tambor. (fonte: IPHAN - Modo de Fazer Viola-de-Cocho,2009,p.26) Disponível em: http://portal.iphan.gov.br, Acesso em: 04 de maio de 2025.

[7] **Mocho:** é o instrumento que, como o tamboril, acompanha o siriri, porém seu formato é diferenciado pois se parece mais com um banco de madeira cujo assento é feito de couro, no qual são percutidas as duas baquetas. (fonte: site IPHAN, disponível: (fonte: IPHAN - Modo de Fazer Viola-de-Cocho,2009, p.26) Disponível em: http://portal.iphan.gov.br, Acesso em: 04 de maio de 2025.

[8] **Ganzá:** é um instrumento de percussão, uma espécie de reco-reco, sendo, em alguns lugares, também conhecido como cracachá ou caracachá. Com aproximadamente 50cm de comprimento, é feito de taquara e possui diversos cortes transversais a seu comprimento (um corte a cada meio centímetro). Para fazer o instrumento soar, é necessário friccionar um pequeno pedaço de pau, osso ou pedra de cima para baixo e de baixo para cima, no sentido do comprimento do instrumento. (fonte: site IPHAN, disponível: (fonte: IPHAN - Modo de Fazer Viola-de-Cocho,2009, p.26) Disponível em: http://portal.iphan.gov.br, Acesso em: 04 de maio de 2025.

1.3 Entre os festejos, quintais e festivais o tempo voa.

Ao longo das décadas, tornou-se essencial fortalecer a presença dos festejos, garantindo a difusão da cultura e a preservação da ancestralidade para as futuras gerações. No tocante a isso, um marco importante é a divisão do Estado em 1977, o que fez surgir Mato Grosso do Sul e a necessidade de se afirmar a diferença ou as diferenças entre os Estados. Nesse contexto reafirma-se um projeto identitário que passou pelo resgate e reafirmação de tradições. Com referência aos festejos do Siriri e Cururu, essas adaptações representaram ajustes nos elementos como figurinos e coreografias, além dos surgimentos de festivais desses festejos.

O que antes ocorria de maneira espontânea nos quintais, hoje ganha espaço nos palcos, passando por um processo de refinamento que amplia seu alcance e possibilita a apreciação por diferentes públicos. Além disso, com o passar dos séculos, os festejos expandiram-se para novos territórios, impulsionados por políticas públicas[9] que valorizam a cultura e promovem sua democratização, assegurando que ela continue viva e acessível a diversos segmentos da sociedade. A figura a seguir mostra um quintal de siriri desenvolvendo projetos com crianças.

Figura 01: Projeto de Siriri infantil

Fonte: Arquivo pessoal

[9] **Plano Nacional de Cultura (PNC):** Estabelece diretrizes para o desenvolvimento cultural do país, garantindo a valorização da diversidade e o fortalecimento das expressões culturais.
Sistema Nacional de Cultura (SNC): Criado para organizar e integrar políticas culturais entre União, estados e municípios, promovendo a participação social e a descentralização das ações culturais.
Leis de Incentivo à Cultura: Como a Lei Rouanet e a Lei Aldir Blanc, que oferecem mecanismos de financiamento para projetos culturais, permitindo que artistas e produtores tenham acesso a recursos para suas iniciativas.
Programas de Fomento: O Ministério da Cultura lança editais e programas para apoiar diferentes segmentos culturais, como audiovisual, literatura, artes cênicas e patrimônio histórico.
Preservação do Patrimônio Cultural: Políticas voltadas para a proteção de bens materiais e imateriais, como museus, sítios arqueológicos e manifestações culturais tradicionais.

Por meio de políticas públicas e outras formas de apoio, observa-se que atualmente há um crescente desenvolvimento de projetos voltados para diferentes faixas etárias, com o propósito de transmitir a cultura a diversos grupos, como por exemplo, projetos que ensinam crianças, adultos e terceira idade sobre os festejos do siriri e cururu. A figura a seguir mostra uma associação de cururueiros onde desenvolvem projetos os quais ofertam oficinas para ensinar a tocar a viola-de-cocho.

Figura 02: Projeto: Oficina, Cururu que vem da alma

Fonte: Instagram – cururu_tradição_cuiabana

Com a ampliação das oportunidades para difundir e ensinar a cultura em diferentes locais, os investimentos em figurinos tornaram-se cada vez mais significativos. Se antes o tecido chita predominava, hoje é possível observar uma maior diversidade de cores e adornos, enriquecendo os trajes utilizados nas apresentações e conferindo maior expressividade estética às manifestações culturais.

Figura 03: Apresentação de siriri

Fonte: Instagram, grupo de siriri @florribeirinha

Figura 04: Apresentação de siriri em espaço público

Fonte: Instagram grupo de siriri @flordeatalaiaoficial

O foco dessas iniciativas está na troca de saberes, possibilitando que um número maior de pessoas experimente e vivencie as manifestações culturais, garantindo sua preservação e continuidade. Nesse sentido, o ambiente escolar também desempenha um papel fundamental na transmissão da cultura para a geração presente. Ao trabalhar esse tema em sala de aula, observa-se que cada estudante contribui com sua própria perspectiva, incorporando elementos que, em sua visão, podem enriquecer ou tornar a manifestação cultural mais acessível e atrativa para quem a vivencia. Dessa forma, a escola se torna um espaço de valorização e ressignificação da cultura, promovendo a interação entre tradição e inovação.

2 SOBRE A DECOLONIALIDADE E A EDUCAÇÃO

Nesta seção, abordaremos as principais concepções dos autores Aníbal Quijano (2005) e Walter Mignolo (2008) que nos auxiliam na compreensão das relações de poder estabelecidas na América Latina em consequência do processo de colonização, portanto, um advento da modernidade. Com base nas obras desses estudiosos, falaremos sobre questões como o predomínio eurocêntrico e a importância de adotar uma postura crítica para questionar as ideias impostas pelo pensamento eurocêntrico pretensamente

universal. A partir dessas reflexões, falaremos como as identidades e saberes dos grupos marginalizados foram moldados e frequentemente negligenciados em nossa sociedade.

O conceito de *colonialidade do poder* foi criado por Aníbal Quijano (2005), pesquisador peruano das relações de poder no território latino-americano, para este conceito o pesquisador criou um neologismo a partir da palavra colonialismo, essas são palavras de grafia e som parecidos, mas de significância diversa. A colonialidade é um produto do colonialismo fundado no período moderno, portanto, é fruto da modernidade, mas a colonialidade não terminou com o fim do colonialismo formal, ou seja, com a independência do colonizado frente ao colonizador. A *colonialidade do poder* se refere à uma matriz de poder sob a qual um conjunto de conhecimentos situados se pretende universal e se auto constitui com verdade absoluta, o que define o etnocentrismo e, mais especificamente, o eurocentrismo (Quijano, 2005). A colonialidade do poder atraessa todas as dimensões sociais, políticas e culturais das sociedades de países que sofreram colonização europeia.

A partir do conceito de colonialidade do poder, formulado por Aníbal Quijano no final da década de 1980, uma série de intelectuais passou a ampliar, tensionar e desenvolver seus desdobramentos. Em 1998, formou-se o Grupo Modernidade/Colonialidade[10] (M/C)**,** com o propósito de enfrentar a hierarquização epistemológica instaurada por essa matriz de poder. Nesse contexto, destaca-se Walter Mignolo, que desenvolveu o conceito de colonialidade do saber**,** para designar o processo pelo qual a racionalidade ocidental é privilegiada enquanto os conhecimentos produzidos por povos colonizados são marginalizados. Mignolo aprofunda essa perspectiva ao afirmar que a colonialidade do saber constitui uma lógica global de poder que ainda organiza o mundo moderno, sustentando a ideia de que o conhecimento europeu é universal. Assim, essa forma de colonialidade implica uma subordinação epistêmica que desqualifica outras maneiras de pensar, sentir e conhecer. Como contraponto, Mignolo propõe a desobediência epistêmica, entendida como a valorização de epistemologias plurais e situadas, capazes de desafiar o monopólio cognitivo ocidental e de constituir uma forma de agência política frente à matriz de poder colonial que desumaniza os sujeitos e hierarquiza os saberes (Mignolo, 2008).

[10] O grupo Modernidade/Colonialidade foi sendo estruturado em seminários acadêmicos e publicações, sendo bastante importante o apoio do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) que em 2000 editou um importante livro que consolidou o grupo - La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Os principais membros do grupo são:Edgardo Lander, Arthuro Escobar, Walter Mignolo, Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Ramón Grosfóguel, Immanuell Wallerstein, Santiago Castro-Gómez, Zulma Palermo, Catherine Walsh, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfóguel, Boaventura de Sousa Santos (BALLESTRIN, 2003, p.98).

Quijano (2005) trouxe à tona a noção de que, ao longo dos séculos, a noção de raça foi instrumentalizada para justificar a subjugação de determinados grupos, sobretudo durante os períodos de colonização das Américas. Com o tempo, à medida que a supremacia europeia se consolidou, essa mentalidade se espalhou pelo mundo, muitas vezes de forma impositiva, influenciando e marginalizando tradições, crenças e modos de vida que gradativamente foram silenciados. Progressivamente, essa perspectiva eurocêntrica foi internalizada em nossa visão de mundo, contribuindo para a construção de uma ótica que, de maneira sutil, passou a determinar o que é considerado relevante e o que é relegado ao ostracismo. Surgiu, ao longo do tempo, a percepção de que os europeus detinham intrinsecamente uma superioridade em relação a outros povos e, ainda que não fosse explicitada abertamente, essa convicção acabou moldando a autopercepção, as interações sociais e a organização comunitária, deixando vestígios que ecoam até os dias atuais.

A seguir temos a citação de Quijano, onde destacou a fala do Europeu se auto validando em relação ao demais povos:

> Com o tempo, os colonizadores codificaram como cor os traços fenotípicos dos colonizados e a assumiram como a característica emblemática da categoria racial. Essa codificação foi inicialmente estabelecida, provavelmente, na área britânico-americana. Os negros eram ali não apenas os explorados mais importantes, já que a parte principal da economia dependia de seu trabalho. Eram, sobretudo, a raça colonizada mais importante, já que os índios não formavam parte dessa sociedade colonial. Em consequência, os dominantes chamaram a si mesmos de brancos (Quijano, 2005, p 117).

Com o decorrer do tempo, a concepção de raça passou a ser utilizada como um meio eficaz para perpetuar discrepâncias sociais, estabelecendo uma estrutura hierárquica na qual os grupos subjugados eram considerados como inferiores, tanto em termos físicos quanto culturais. Dessa forma, a raça passou a ser um elemento determinante no exercício do poder, moldando gradualmente a visão eurocêntrica que definia as posições ocupadas por cada segmento na sociedade, decidindo quem teria voz, quem seria marginalizado, quem estaria no comando e quem seria excluído. Esse modelo de estratificação social acabou por se integrar de forma intrínseca, persistindo em formas de exclusão que perduram até os dias atuais, exercendo um profundo e duradouro impacto na estrutura social global.

Quijano (2005) abordou a dinâmica do poder na sociedade evidenciando sua manifestação por meio de distintas formas de controle, as quais exercem considerável influência sobre a vivência e interação das pessoas. No âmbito do conhecimento, por exemplo, prevalecem concepções eurocêntricas que tendem a privilegiar unicamente às contribuições provenientes da Europa, marginalizando outras formas de saber.

Mesmo após o término do período colonial, as expressões culturais e identitárias de muitos povos continuaram a ser subjugadas e avaliadas de maneira pejorativa. Isso evidencia a persistência das cicatrizes históricas, nas quais a colonialidade ainda repercute na autopercepção, no senso de pertencimento e na percepção alheia de cada indivíduo. A perspectiva de mundo, por sua vez, é construída sob uma ótica europeia que se sobrepõe a outras formas de apreender a realidade. Quijano (2005) propôs a necessidade de romper com esse sistema para erradicar a colonialidade, enfatizando a importância de uma crítica consciente que promova o diálogo e a reflexão, em vez de simplesmente rejeitar o legado colonial.

Sob uma ótica crítica da colonização, Quijano examinou como o eurocentrismo estabeleceu e difundiu sua cosmovisão nos territórios colonizados, impondo uma específica interpretação da realidade e da narrativa histórica. Como desdobramento, os povos colonizados foram silenciados e privados da oportunidade de demonstrar suas capacidades, sendo frequentemente categorizados de forma discriminatória e hierárquica com base em traços fenotípicos. No contexto brasileiro, essa lógica contribuiu para o apagamento de diversas culturas, reforçando a ideia equivocada de que o progresso só teve início com a chegada dos colonizadores europeus, evento que desencadeou transformações significativas nas estruturas sociais, culturais e políticas das populações locais, inaugurando uma lógica de dominação que ainda reverbera nas relações contemporâneas.

A decolonialidade, neste sentido, refere-se a esses processos de enfrentamento à colonialidade que define um padrão excludente, pois esse padrão colonial é racista, classista, patriarcal e desumanizador. É a ruptura com longos períodos de silenciamento impostos sobre comunidades que, sob as classificações europeias, foram historicamente estigmatizadas. A decolonialidade busca o reconhecimento dos diversos saberes, sendo o ambiente educacional um local estratégico para fomentar a consciência acerca das histórias e contribuições dos povos negros e indígenas. Por isso, essa pesquisa defende o ensino dos festejos do Siriri e do Cururu como um exercício decolonial de ensino na medida que torna os saberes presentes nesses festejos equiparados em importância aos outros saberes presentes no currículo escolar.

Por meio da educação, é possível provocar pensamentos e também construir caminhos em direção à valorização dessas identidades e narrativas, colaborando, assim, para um processo de mudança social mais inclusivo e diversificado. Nesse contexto, a educação escolar assume um papel essencial.

Por exemplo: ao entrar em contato com expressões artísticas e práticas da cultura popular, os estudantes são convidados a compreender os processos de transformação e ressignificação das culturas, além de questionar narrativas excludentes que reforçam desigualdades e silenciamentos. Essa abordagem, além de estimular o pensamento crítico, abre espaço para que os alunos compartilhem suas próprias visões de mundo e se envolvam de maneira ativa na construção do conhecimento.

Durante muito tempo, a visão eurocêntrica tratou outras culturas como inferiores. A decolonialidade surgiu justamente para romper com essa lógica e resgatar saberes, histórias e formas de existência que haviam sido silenciadas, mas esta é uma batalha e uma postura diárias a serem adotadas. Isso seria um exercício do que Quijano (2005) defendeu como a necessidade de ruptura com a lógica da colonialidade. Não se trata apenas de rejeitar ou criticar a herança colonial, mas de construir uma crítica fundamentada e reflexiva que favoreça a compreensão do pensamento decolonial e permita sua inserção gradual no contexto educacional. Dessa forma, ao integrar diferentes práticas e vivências culturais na escola, reafirma-se a importância do reconhecimento e da valorização dos saberes diversos.

Isso porque o processo decolonial é contínuo, a transformação não ocorre de forma imediata, sendo um processo que envolve muita luta e resistência. É preciso tempo, escuta e elaboração para que se compreenda o passado e se promova o resgate de saberes e experiências silenciados. As várias dimensões da *colonialidade do poder* atravessam todos os latino-americanos e é somente a partir deste reconhecimento e do entendimento de seus mecanismos que poderemos desarmá-las, criando fissuras que permitam caminhar habitando a decolonialidade (Palermo, 2020) e encontrar os caminhos descolonizantes. Sobre isso afirmou Catherine Walsh:

> [...] não existe um estado nulo da colonialidade, senão posturas, posicionamentos, horizontes e projetos de resistir, transgredir, intervir, in-surgir, criar e incidir. O decolonial detona, então, um caminho de luta contínuo no qual se pode identificar, visibilizar e alentar “lugares” de exterioridades e construções alter-(na)ativas (WALSH, 2013, p. 24-25, tradução da autora).

Complementando essa perspectiva, Mignolo (2008) introduz o conceito de desobediência epistêmica, voltado à desconstrução da lógica eurocêntrica dominante e à valorização de formas de saber historicamente marginalizadas.

> A identidade em política, em suma, é a única maneira de pensar descolonialmente (o que significa pensar politicamente em termos e projetos de descolonização). Todas as outras formas de pensar (ou seja, que interferem com a organização do conhecimento e da compreensão) e de agir politicamente, ou seja, formas que não são descoloniais, significam permanecer na razão imperial; ou seja, dentro da política imperial de identidades (Mignolo, 2008, p.290).

Mignolo (2008) utiliza o termo "Identidade em Política", este termo é utilizado para se referir a grupos historicamente marginalizados que, ao reconhecerem sua posição de exclusão, passam a se organizar coletivamente na luta por direitos e reconhecimento. Esses grupos questionam a lógica eurocêntrica dominante, que impõe hierarquias e deslegitima identidades que não se alinham ao seu referencial.

Nesse contexto, a luta política assume a forma de afirmação identitária e resgate histórico, buscando restituir a dignidade e garantir que vozes antes silenciadas sejam ouvidas, reconhecidas e respeitadas no espaço social. De que maneira podemos colocar em prática essa Identidade em Política mencionada por Mignolo na prática educativa? Uma estratégia viável para a promoção da valorização sociocultural consiste na implementação de currículos escolares que integrem saberes tradicionais, contemplando não apenas a historicidade dessas comunidades, mas também suas práticas culturais e modos de vida.

Tal proposta possibilita que essas comunidades compartilhem suas experiências no ambiente educativo, seja por meio de visitas pedagógicas aos territórios tradicionais, seja pela incorporação de materiais didáticos elaborados por seus próprios membros. Essa abordagem contribui para o enriquecimento dos conteúdos escolares, ao promover o diálogo com saberes locais e fortalecer o vínculo entre escola, cultura e comunidade.

Outro aspecto essencial diz respeito ao investimento na formação de professores, com o objetivo de prepará-los para adotar uma pedagogia que reconheça e valorize as perspectivas decoloniais. Trata-se de um passo decisivo para a consolidação de uma educação crítica, sensível às diversidades e atenta às marcas do passado colonial ainda presentes no cotidiano escolar.

Ao desenvolverem uma postura reflexiva, especialmente em espaços como rodas de conversa, os docentes tornam-se agentes ativos na construção de ambientes educacionais mais justos, capazes de enfrentar as desigualdades sociais e fomentar transformações significativas na sociedade.

3. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO REALIZADA

O desejo de entender um fenômeno tangível ou intangível é o ponto de partida de uma pesquisa. O pesquisador busca descobrir algo além das primeiras impressões, escolhendo, planejando o caminho a ser percorrido e replanejando esse caminho sempre que o replanejamento se mostre necessário, o que é frequente e é salutar para a pesquisa

que seja assim. Além disso, por acreditar que nossas escolas necessitam dessa contribuição acadêmica para a execução de ações que auxiliem a prática do professor da educação básica, apresentamos, nesta seção, os caminhos percorridos durante esta pesquisa.

Além disso, é fundamental reconhecer a importância do meio em que se vive, promovendo a cultura de pertencimento e valorizando a cultura local ou regional. Compreender que a cultura passa por atualizações constantes é essencial para manter viva a identidade cultural e adaptá-la às novas realidades. Esse processo de valorização e atualização cultural fortalece o vínculo dos alunos com sua ancestralidade e contribui para uma educação mais rica e contextualizada.

Conforme já mencionado, esta pesquisa é uma investigação qualitativa, com intervenção pedagógica de caráter participativo, realizada na EMEB Aristotelino Alves Praeiro, em Cuiabá-MT, entre maio e agosto de 2024, com uma turma de alunos do quarto ano. A metodologia envolveu o planejamento e execução de uma intervenção pedagógica estruturada em uma sequência didática que contemplou os aspectos históricos, sociais e culturais dessas manifestações. Participaram quarenta estudantes do turno matutino do quarto ano do ensino fundamental, os quais estiveram envolvidos de forma ativa em todas as etapas da intervenção pedagógica. Os dados foram coletados por meio de observação participante, registros fotográficos, anotações em diário de campo das observações feitas pelos alunos participantes e registros da produção artísticas realizadas durante a intervenção.

O objetivo principal foi promover a valorização da cultura local ou regional entre os estudantes do quarto ano do Ensino Fundamental, através da participação em Planos pedagógicos relacionadas aos festejos de Siriri e Cururu, incentivando a construção de uma identidade cultural forte e consciente. Os objetivos específicos da pesquisa incluíram desenvolver habilidades artísticas, facilitando a expressão dos estudantes por meio da criação de poemas, músicas, desenhos e da produção de instrumentos musicais, como a viola-de-cocho. Os planos pedagógicos promoveram atividades coletivas para a superação do individualismo, tantas vezes observado na faixa etária dos estudantes participantes da pesquisa, além de envolver as famílias dos estudantes, promovendo e/ou estimulando os vínculos dos alunos com seus familiares.

Além disso, buscou-se fomentar a apreciação cultural, proporcionando experiências que permitiram compreender a importância histórica e social dos festejos de Siriri e Cururu. O desenvolvimento da pesquisa foi baseado na pesquisa participativa, envolvendo a participação ativa dos sujeitos investigados (estudantes) em todas as etapas. Os estudantes participaram de uma sequência didática com o tema dos festejos do Siriri e Cururu.

3.1 Intervenção pedagógica

No primeiro momento da pesquisa, concentrei-me no levantamento de materiais e na leitura bibliográfica sobre o assunto. Após essa etapa, munida das informações estudadas, planejei uma sequência didática sobre os festejos de Siriri e Cururu para ser desenvolvida na sala de aula.

A aplicação da pesquisa foi realizada entre maio e agosto de 2024, na EMEB Aristotelino Alves Praeiro, com quarenta estudantes dos quartos anos do ensino fundamental I do período matutino, com o objetivo de oportunizar o desenvolvimento crítico cultural dos estudantes para que os mesmos tenham conhecimento da cultura local e valorização da mesma.

Desde que escolhi as turmas para aplicar a intervenção da pesquisa, informei-as de que, em algum momento do semestre, estariam trabalhando sobre os festejos da cultura popular do siriri e cururu.

Quando chegou o momento de iniciar a intervenção desta pesquisa, os estudantes ficaram muito ansiosos, pois falar de cultura de uma forma em que se sentissem importantes nesse espaço, foi o que mais chamou a atenção de todos os envolvidos. Isso os motivou ainda mais a conhecer a cultura popular do siriri e cururu, seja para adquirir novos conhecimentos sobre essas manifestações culturais ou para ampliar os que já possuíam.

Ao iniciar o conteúdo da pesquisa com os estudantes, uma conversa inicial foi muito importante, começamos uma breve conversa sobre o que é cultura popular e pedi para que cada um contribuísse com a sua opinião. Isso porque Paulo Freire (1996), em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, deixa claro que o entorno de meu estudante tem valor e o saber que cada um traz de sua casa pode contribuir para construção de conhecimento:

> Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos ‘conhecimentos de experiência feitos’ com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola (Freire, 1996, p.33).

Assim, prosseguimos com o diálogo sobre o que é cultura popular, momento em que foram apresentadas as manifestações culturais do Siriri e Cururu. A sala ficou em silêncio, concentrada em ouvir e analisar as informações. Quando expliquei como a cultura do Siriri e Cururu é organizada, surgiram várias perguntas. Esse momento foi crucial, pois meus estudantes romperam a barreira de apenas sentar e ouvir, entendendo que questionar é uma forma essencial de compreender e contribuir para o desenvolvimento da aula e o real aprendizado.

Ao finalizar esse primeiro encontro, entreguei um papel em branco a cada estudante e solicitei para que cada um escrevesse o que eles entenderam em relação a cultura popular do Siriri e Cururu trabalhada em sala, diante de tantas respostas algumas foram selecionadas para contribuírem neste momento.

Desse modo, início com o participante A, quem descreve com suas palavras o que ele entendeu sobre a cultura do Siriri e Cururu: “Hoje eu vejo que é uma cultura, pois é uma cultura do povo, e isso é levado para as outras gerações. É legal mostrar a nossa cultura para os visitantes”. Já o participante B descreveu da seguinte maneira: *“*Siriri e Cururu uma cultura popular, as pessoas usam roupas coloridas tem a viola-de-cocho, o ganzá e o mocho que são usados para tocar”. E o participante C descreveu: “Para mim, o siriri e cururu são uma dupla de dançarinos que são muito famosos e conhecidos pelos cuiabanos”.

Podemos observar que a perspectiva de cada estudante diante da cultura popular do Siriri e Cururu não foi a mesma, o participante A destacou o fato de ser uma cultura passada de geração a geração e que temos uma cultura que pode ser apresentada a visitantes. A percepção do participante B, por sua vez, enfocou as características visuais tanto dos instrumentos como das pessoas que fazem parte da cultura, como as cores e o formato das roupas. Finalmente, o participante C destacou os dançarinos e o fato de que estes são conhecidos pelos cuiabanos. De modo que as perspectivas de cada um são totalmente diferentes, mas se complementam.

Sigo com mais falas, agora do participante D, quem contribuiu descrevendo o seguinte: “Na minha opinião o Siriri e Cururu são uma dança muito incrível que acabou se tornando uma cultura incrível. O Siriri é uma dança que pode ser composta por homens e mulheres com instrumentos como viola-de-cocho, ganzá e mocho. Já o Cururu pode ser composto somente por homens e no Cururu é só a música e os instrumentos são o ganzá e a viola-de-cocho”.

Seguindo, transcrevo a fala do participante E: “O siriri é um grupo de dança onde homens e mulheres podem dançar, as mulheres usam vestidos longos e tons pastéis e escuros. Os homens roupas sociais e chapéus. O Cururu é um grupo musical que só os homens participam usando viola-de-cocho e roupas sociais”. E, para finalizar, trago a fala do participante F: “O siriri é uma dança da qual os homens e as mulheres podem participar. As mulheres vestem um vestido comprido e florido na parte de baixo, já os homens se vestem com roupas sociais. Eles usam os instrumentos: viola-de-cocho, ganzá e o mocho. O cururu é uma dança em que só os homens podem dançar eles usam roupas e sapatos sociais eles usam os seguintes instrumentos: viola-de-cocho e ganzá.”

Podemos observar que o participante D admira a cultura do Siriri e Cururu a chamando de “incrível”, menciona os instrumentos que pertencem ao siriri e explica que é uma dança composta por homens e mulheres, além de descrever a composição do cururu, no qual somente homens podem participar.

Já o participante E, descreve a composição do Siriri e acrescenta detalhes dos figurinos e tonalidades e mais uma vez descreve como é composto o cururu destacando que é uma atividade exclusiva dos homens.

E, por fim, o participante F reforça sobre o Siriri desde os participantes homens e mulheres até o figurino tanto dos homens como das mulheres, não esquecendo do instrumento principal, a viola-de-cocho. As falas mostram os detalhes de diferentes formas e como é composto a cultura e os instrumentos que estão presentes em cada manifestação cultural.

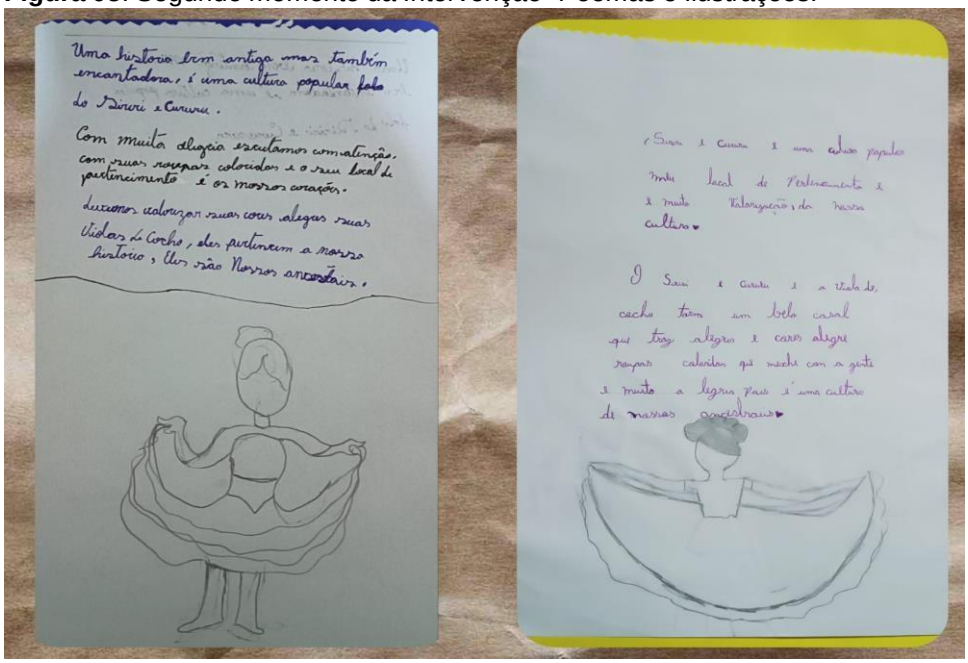
Entretanto, alguns estudantes não compreenderam o que é cultura popular e nem que existe diferença nas manifestações do Siriri e Cururu como podemos observar a partir do estudante G: “pra mim é pessoas que dança que representa Cuiabá” e o estudante H: “pra mim são umas bandas muitos legais e também acho as músicas muito boas”. Os estudantes citados entenderam que essas manifestações artísticas são somente música e dança, e não observaram o contexto histórico e a importância de valorizar essa cultura.

Portanto, para esse momento foi muito importante ter essa devolutiva dos estudantes, pois a partir das respostas deles é que organizei para a próxima etapa da intervenção. Nesta etapa, procurei inserir os estudantes de forma participativa para que a partir deste momento o trabalho pudesse alcançar os estudantes que não compreenderam a importância da cultura popular durante a primeira etapa da intervenção.

Ao iniciar o segundo momento da intervenção, expliquei aos estudantes que a aula seria sobre criação e ilustração de poemas, e que essa construção seria feita em grupos. Os estudantes se sentiram mais confortáveis, pois trabalhar em equipe lhes daria mais confiança para criar, levei para a aula palavras que sempre estavam presentes na pesquisa, como “identidade”, “valorização”, “ancestralidade”, “direito”, entre outras. A partir dessas palavras, os estudantes, em grupos, criaram um poema e, ao final, o ilustraram.

Durante o processo criativo dos participantes pode-se observar a dedicação e a concentração em cada detalhe da construção do poema, exatamente o que Freire (1996) destaca ao afirmar sobre a importância de estimular a capacidade criadora do educando e a necessidade de uma prática educativa que promova a curiosidade e a reflexão crítica.

Figura 05: Segundo momento da Intervenção- Poemas e Ilustrações.



Fonte: Arquivo pessoal.

Na sequência, iniciamos o terceiro momento, o qual transcorreu até o sétimo encontro da sequência didática. Durante essas aulas, começamos a construir um instrumento usado pelos cururueiros e pelos siririeiros: a viola-de-cocho, utilizando papelão como material base. Isso porque, conforme Colares (2014), a participação em atividades artísticas e culturais pode estimular a criatividade e a auto expressão. O envolvimento em práticas artísticas permite que os estudantes desenvolvam habilidades críticas e reflexivas, além de promover um ambiente no qual a experimentação e a inovação são valorizadas. Essa vivência do processo criativo é fundamental para que os estudantes se sintam mais confiantes em suas capacidades e possam expressar suas ideias de forma autêntica.

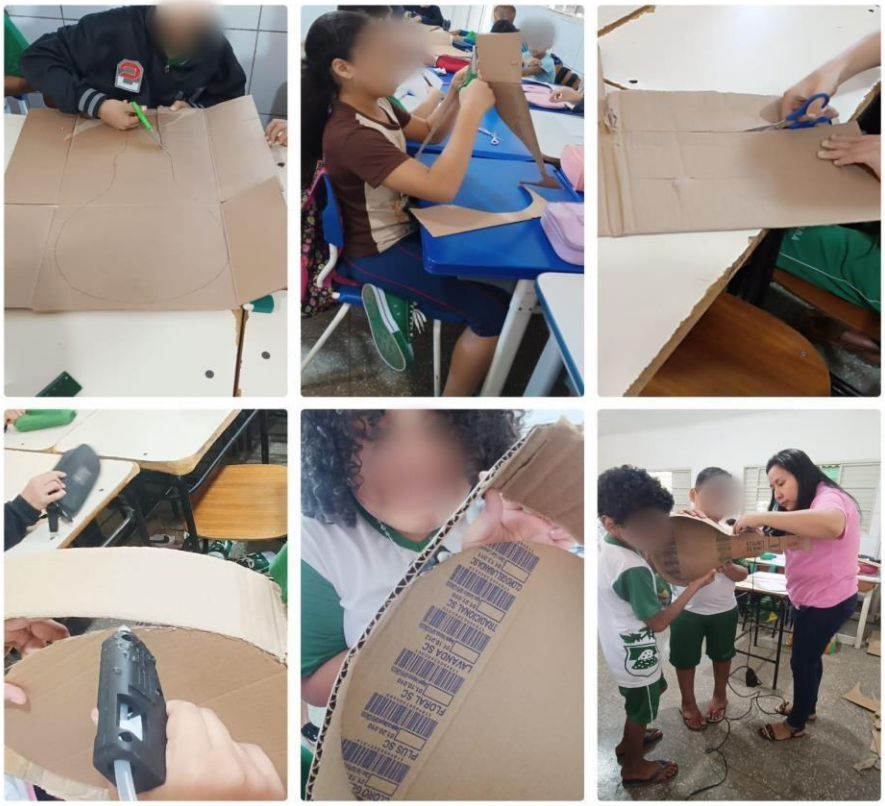
Uma das falas dos participantes demonstra isso na prática: “eu gostei porque na mesma hora que você está aprendendo, você está fazendo e eu gostei muito” (estudante I). Esse depoimento demonstra que a teoria e a prática acontecem simultaneamente, durante a participação direta do estudante nesse processo de criação. Essa etapa de construção em coletividade faz com que o estudante seja um agente ativo.

No momento de implementação das sequências didáticas, as atividades foram variadas nas diversas turmas, e a cada encontro em sala tivemos uma experiência diferente. A construção da viola-de-cocho foi realizada por todas as turmas dos quartos anos matutino de forma conjunta: uma turma começava e a outra dava sequência, até a finalização do processo.

Figuras 06: Terceiro momento – construção da viola-de-cocho.

Fonte: Arquivo pessoal

Figura 07: Terceiro momento – construção da viola de cocho.



Fonte: Arquivo pessoal.

Do oitavo ao nono momento, os estudantes que ilustraram a poesia foram selecionados para desenhar na parte frontal da viola-de-cocho. Após o desenho, coloriram, colaram tecido de chita nas laterais da viola e fizeram alguns acabamentos como enfeites. Dessa forma, os estudantes deram cores e vida à viola, que antes estava na cor crua do papelão. Ao contribuir neste processo, os estudantes puderam expressar seu respeito e valorização pela manifestação cultural que o festejo do siriri e cururu representa.

Durante esta etapa do projeto, registrar as falas foi muito importante, pois os estudantes estavam diante de uma atividade coletiva e extensa que eles nunca tinham experenciado. O estudante I expressou seu sentimento de participação: “Eu achei muito legal a gente colou até tomar forma, algumas meninas e, incluindo eu, foram as que finalizaram a viola-de-cocho, a gente desenhou em um papel para depois passar para a viola-de-cocho”.

A participante J afirma que o processo de criação da viola-de-cocho, mesmo sendo difícil, foi divertido: “a produção da viola mesmo sendo complicada foi incrível, até desenhei na viola! Foi muito divertido, e as violas ficaram lindas. E não foi só eu, foi eu, minhas amigas e toda a turma”. Já a participante K relatou que além de participar de cada processo ela pode deixar o seu toque personalizado na viola-de-cocho contribuindo com o trabalho coletivo: “Eu achei muito legal poder participar de cada processo. Eu gostei muito de poder pintar do meu jeito e deixar minha marca na viola.”

A participação do estudante K, confirma o processo de atualização da cultura. Ao falar “poder pintar do meu jeito e deixar a minha marca”. A atualização cultural é justamente isso: é deixar que os protagonistas do momento deixem a sua mensagem na cultura, expressando o seu sentimento na arte.

Após a realização das atividades, foi entregue um questionário, que consistia em uma breve entrevista a qual os estudantes realizaram com seus familiares para saber se eles tinham conhecimento sobre o que é cultura popular, em especial sobre o Siriri e Cururu, se já participaram de alguma apresentação cultural e se poderiam contribuir para o varal de memórias com alguma lembrança ou fotos para a exposição no dia da culminância da pesquisa.

Nesta etapa, agora com as famílias, pude observar que muitos pais não quiseram responder os questionários, aos que responderam muitos têm algum conhecimento sobre o que é cultura ou festejo popular, uma das perguntas foi a seguinte: Você conhece ou lembra de algum festejo popular que participou quando criança? Se sim, escreva qual era o nome do festejo. As respostas sim, escreveram: “Festa do Divino, Festa de São Benedito, Festa Junina, Carnaval” Já os que responderam não, suas respostas foram: “Nunca participei, não conheço.”

A participação das famílias foi de extrema importância para esse momento. Suas respostas serviriam de ponto de partida para que os estudantes e seus familiares começassem a disseminar o saber sobre o festejo popular do Siriri e Cururu.

Na décima etapa da pesquisa, os estudantes receberam a visita de um grupo de Siriri e Cururu. Ansiosos por esse momento, os estudantes, a cada aula, perguntavam quando o grupo visitaria a escola. Finalmente, o dia da visita chegou, e para os estudantes tudo o que havíamos conversado em sala de aula se tornou ainda mais significativo.

A participante L declarou que nunca tinha visto um grupo de siriri “ao vivo e a cores” e sim somente pela televisão: “Na apresentação do grupo na escola foi incrível, nunca tinha visto um grupo de perto, sempre pela televisão, conhecer os instrumentos foi muito incrível.”

Alguns estudantes relataram que ficaram emocionados ao ouvir o mestre cururueiro contar sobre sua vida e seus ancestrais, e o valor que ele dá a essa manifestação cultural. Durante a conversa, houve músicas com os instrumentos viola-de-cocho, ganzá e mocho, quando o mestre explicou a função de cada instrumento e seu processo de fabricação.

O Participante M descreve o que mais lhe chamou a atenção na apresentação do grupo de Siriri, foi quando explicaram o processo de construção de cada instrumento e qual material foi utilizado: “os instrumentos legais que eles usam o que me chamou a atenção foi um que usa couro de boi chamado de mocho que é para bater, eu adorei dançar e cantar.”

Assim como o participante N, o qual relatou que além da apresentação dos instrumentos, gostou de cantar e dançar: “foi muito divertido pois nós interagimos bastante. Eles nos mostraram todos os instrumentos do Siriri. Cantamos e dançamos, até pegamos autógrafos e tiramos foto”.

Com o grupo, vieram dois casais para apresentar o Siriri. Quando os dançarinos começaram a fazer seus movimentos, os estudantes interagiram com sorrisos e olhares brilhantes, até que o mestre convidou as turmas para participarem. A primeira coisa que os estudantes fizeram foi abraçar os integrantes, algo que desejavam fazer intensamente.

O participante O acompanhou atentamente a chegada do grupo, observando cada etapa, desde os primeiros passos até o momento da troca de roupa para o figurino e, por fim, a apresentação: “o grupo de siriri chegou na escola, as meninas e meninos não tinham trocado de roupa. Então eles foram pro banheiro, depois a gente foi convidado para assistir à apresentação eles pegaram músicas infantil e fizeram um toque, depois eles chamaram todo mundo pro meio da quadra e fizeram uma roda para fazer uma dinâmicas, depois todo mundo pegou autógrafo.”

A reação dos alunos, a receptividade deles com os artistas e a forma carinhosa com a qual eles receberam os grupos me surpreendeu. Logo após a chegada, foi solicitado fazer uma grande roda. Os estudantes se organizaram e, com o comando do grupo, seguiram os movimentos até todos estarem em sincronia para realizar a dança. Assim como na fala do Participante P, que descreve detalhadamente a visita do grupo e a dinâmica planejada para envolver os estudantes: “Eu gostei muito da apresentação, gostei de conhecer os instrumentos do Siriri e Cururu gostei muito da roupa deles, gostei de como eles cantaram e tocaram os instrumentos e gostei muito também deles chamarem a gente para dançar. Eu aprendi muito sobre a nossa Cultura. Resumindo eu gostei muito”.

Ao final da apresentação, os estudantes mais uma vez me surpreenderam: quase todos queriam um autógrafo do grupo convidado. Alguns estudantes me relataram que guardariam aquelas assinaturas em um quadro, enquanto outros disseram que aquele dia tinha sido incrível, muito além do que esperavam.

Enfim, para culminar o projeto de pesquisa, fizemos o encerramento da atividade com a criação de um painel no qual foram coladas imagens de todo o processo de criação dos estudantes. Como nesse dia estava ocorrendo um evento na escola, os pais puderam participar, muitos alunos fizeram questão de levar seus pais para visitar o painel, ver a viola-de-cocho feita por eles, ler os poemas e ilustrações criados por eles e a caixinha de memórias com fotos de algumas famílias que participaram. As crianças chegavam e já diziam: “olha, mãe, eu ajudando a fazer!”, outro dizia: “pai, olha a viola-de-cocho que eu ajudei a fazer!” e com isso já aproveitavam para fazer os registros fotográficos com aquele cenário preparado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados apresentados, esta pesquisa revelou que a inserção da cultura dos festejos populares do Siriri e Cururu no ambiente escolar fortaleceu a conexão entre estudantes e a escola, já que os estudantes perceberam que seus saberes obtidos fora do espaço escolar foram valorizados e que suas famílias também fazem parte do processo educativo.

Essa abordagem pedagógica permitiu que os alunos se tornassem protagonistas, vivenciando essas manifestações culturais e criando laços mais fortes entre a escola, a família e a comunidade. Essa prática os levou a se reconhecerem como produtores de conhecimento passível de ser incluído no currículo escolar. Além disso, observou-se que os estudantes aprenderam e compartilharam saberes importantes com suas famílias e comunidades, fortalecendo os vínculos afetivos e identitários.

As variadas atividades propostas durante a intervenção — dentre elas a construção de uma viola-de-cocho, entrevistas, criação de poemas e visita de um grupo cultural que apresentou o Siriri e o Cururu na escola — ampliaram o entendimento sobre as manifestações culturais estudadas e estimularam o respeito à cultura local. Os estudantes participaram ativamente de todo o processo, especialmente na criação da viola-de-cocho, quando cada grupo escolheu os desenhos que comporiam o instrumento, exercitando a criatividade e reafirmando seu papel como autores do processo. Além de proporcionar autonomia, essa ação atualizou as manifestações culturais, dando espaço para a autoria estudantil e reforçando que as culturas tradicionais são dinâmicas, vivas e passíveis de renovação.

A participação dos estudantes, suas famílias e o grupo de Siriri e Cururu foi fundamental para o sucesso do projeto. Os relatos e observações demonstram que o envolvimento direto, como a criação artística, as apresentações e as interações, fortalece o vínculo com a cultura e promove uma aprendizagem mais significativa. As emoções expressas pelos alunos — como surpresa, orgulho e entusiasmo — evidenciam que essas atividades não apenas ensinaram sobre cultura, mas criaram memórias afetivas e significativas, contribuindo diretamente para uma aprendizagem efetiva, emocional e expressiva.

Como resultado, os estudantes ampliaram sua compreensão dos conteúdos e fortaleceram seus vínculos com a ancestralidade, isto é, com o passado e o presente de sua localidade. Essa experiência desenvolveu também um sentimento de pertencimento, admiração e valorização de sua identidade e do entorno da cidade de Cuiabá.

Do ponto de vista pedagógico e epistemológico, os resultados desta investigação demonstram que o ensino de Arte pode funcionar como uma prática de resistência e transformação, rompendo com o currículo tradicionalmente eurocentrado. A valorização dos festejos do Siriri e do Cururu no ambiente escolar representa não apenas o reconhecimento das identidades locais, mas também um exercício de reconstrução epistêmica, no qual o saber popular ocupa o mesmo patamar de legitimidade que o conhecimento científico. Assim, a prática educativa torna-se um espaço de diálogo entre o conhecimento acadêmico e o saber ancestral, produzindo uma pedagogia intercultural, crítica e sensível às realidades locais.

Do ponto de vista da formação docente, esta pesquisa reafirma a necessidade de repensar o papel do professor como mediador cultural e sujeito político. O educador que adota uma postura decolonial reconhece a importância dos saberes do território e compreende que ensinar Arte é, sobretudo, promover o reconhecimento da diversidade, da memória e das narrativas historicamente silenciadas. Dessa forma, o professor deixa de ser apenas transmissor de conteúdos para se tornar um articulador de experiências, de pertencimento e de valorização das identidades culturais.

Como buscamos deixar claro na seção teórica desta pesquisa, a perspectiva decolonial propõe o reconhecimento e o fortalecimento dos saberes marginalizados ou subjugados pelo processo colonial, promovendo a valorização dos saberes locais e das manifestações populares. Assim, ao incluir as manifestações do Siriri e do Cururu no currículo escolar e tratá-las com a mesma relevância dos demais conteúdos, esta pesquisa se alinha a uma proposta decolonial de ensino de Arte e desafia as hierarquias do saber que ainda persistem no espaço educacional.

Por fim, considera-se que esta investigação abre caminhos para futuras ações e estudos voltados à inserção de práticas culturais populares no currículo escolar, especialmente no campo da Arte. Pesquisas futuras podem ampliar esse diálogo entre educação e cultura local, incorporando outras manifestações regionais e desenvolvendo metodologias que fortaleçam a identidade dos estudantes em diferentes contextos. Espera-se, portanto, que esta proposta inspire novas práticas pedagógicas comprometidas com a equidade, a diversidade e a valorização das identidades culturais, contribuindo para uma educação verdadeiramente decolonial e emancipadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, [S.l.], n.11, p.89–117,2013. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069.
Acesso em: 13 ago. 2025.

BARBOSA, Ana Mae. LUTAS PELA DECOLONIZAÇÃO DA ARTE E DA EDUCAÇÃO. Revista VIS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Brasília, DF, v. 21, n. 2, p. [152-176], jul./dez. 2022. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/article/view/. Acesso em: 13 de agosto de 2025.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Patrimônio Imaterial dos Modos de Fazer Viola-de-Cocho**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br//uploads/publicacao/PatImDos_ModosFazerViolaCocho_m.pdf. Acesso em: 15 abri 2025.

BRASIL. Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

CANDIDO, Antonio. Possíveis raízes indígenas de uma dança popular. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v.4. p.1-24, jun. 1956.

COLARES, Edite. Os desafios teóricos-metodológicos da abordagem da cultura popular no ensino de arte na educação básica. **Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes**, v. 6, p. 99-108, 2014.

COLARES, Edite. **As festas populares e o ensino de arte**. Fortaleza: EdUECE, 2019.

FERREIRA, Marta Martines. Cururu e Siriri: entre naturalistas, viajantes e folcloristas. **ACENO**, Vol. 4, n.8, p. 180-204. ago a dez. de 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FLOR DE ATALAIA. Instagram: @flordeatalaiaoficial. Disponível em: https://www.instagram.com/flordeatalaiaoficial/. Acesso em: 03 de maio de 2025.

FLOR RIBEIRINHA. Instagram: @florribeirinha. Disponível em: https://www.instagram.com/florribeirinha/. Acesso em: 03 de maio de 2025.
SEMINÁRIO POLÍTICAS CULTURAIS. Música: Grupo de Cururu Tradição Cuiabana do Coxipó – MT. Disponível em: https://seminariopoliticasculturais.wordpress.com/29/01/2018 musica-grupo-de-cururu-tradicao-cuiabana-do-coxipo-mt/. Acesso em: 04 mai 2025.Siriri Elétrico. Siriri Elétrico [Instagram]. Disponível em: https://www.instagram.com/siririeletrico/related_profiles/. Acesso em: Acesso em 18/04/2024.

GIROUX, Henry A. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Antônio Flávio (orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1999.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

MARQUES, Edite Colares Oliveira; PAIVA, José. A inserção das festas tradicionais populares no ensino de arte na educação básica. In: 25º Encontro Nacional APECV, Porto, 2013. **Anais***.* Porto: Raiz, 2013. p.39.

MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324. Rio de Janeiro: 2008.

MOURA, Eduardo Junio Santos. Des/obediência docente na de/colonialidade da arte/educação na América Latina. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 313-325, mai/ago. 2019.

OSÓRIO, P. Os festivais de Cururu e Siriri: mudanças de cenários e contextos na cultura popular. **Anuário Antropológico**, 2011-I, p. 237-260.

PALERMO, Z. Alternativas locais ao globocentrismo. In: **Giro decolonial II: Gênero, raça, classe e geopolítica do conhecimento**, Revista da UNILA, v.3 n.2,2020

RICHTER, Ivone Mendes. Multiculturalidade e interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 85-93.

SANTOS, G. Jovens, 'cultura popular' e mídia: ressignificações na dança siriri, em Cuiabá-MT. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Caxias do Sul, RS, 2 a 6 set. 2010.

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. **Corpo e ancestralidade**: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação. 2. ed. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

SCHMIDT, Max. **Estudos de etnologia brasileira**: peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901. Seus resultados etnológicos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

SIGRIST, Marlei. **Chão Batido**: a cultura popular em Mato Grosso do Sul: folclore, tradição. 2. Ed. Editora UFMS: Campo Grande, MS:2008.SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Antônio Flávio (orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1999.
STEINEN, Karl von den. **Entre os aborígenes do Brasil Central***.* São Paulo: Departamento de Cultura, 1940.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá, 1850-1888. 1991. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. Acesso em: 04 março 2025.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **Cativos do sertão**: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888. São Paulo: Marco Zero; Cuiabá: EDUFMT, 1993.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTE
PROFARTES

INÊS ROSA DE ARRUDA RIBEIRO

PROPOSTA DIDÁTICA PARA AULA DE ARTE:

DECOLONIALIDADE NAS AULAS DE ARTE DO ENSINO FUNDAMENTAL I:
festejos de siriri e cururu em Cuiabá-MT

CAMPO GRANDE - MS

2025

INÊS ROSA DE ARRUDA RIBEIRO

PROPOSTA DIDÁTICA PARA AULA DE ARTE:

DECOLONIALIDADE NAS AULAS DE ARTE DO ENSINO FUNDAMENTAL I:
festejos de siriri e cururu em Cuiabá-MT

Proposta didática apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito para a obtenção do título de Mestre em Artes, área de concentração em Ensino de Artes, linha de pesquisa em Abordagens Teórico-Metodológicas das Práticas Docentes.

Orientadora: Prof.ª Dra. Simone Rocha de Abreu.

CAMPO GRANDE - MS

2025

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **04**

OBJETIVO GERAL **04**

Conteúdo/tema geral **05**

PLANEJAMENTO **06**

1º ENCONTRO: Contexto Histórico e o surgimento das manifestações culturais do Siriri e Cururu **06**

2º ENCONTRO: Produção de poesia e ilustração a partir de palavras-chaves da pesquisa **07**

3º ao 7º ENCONTRO: Construção de instrumento usado pelo curureiro – viola de cocho em 3D de papelão **09**

8º e 9º ENCONTRO: Desenhos e pinturas nas violas de cocho com elementos que represente os festejos do Siriri e Cururu e Recolhendo lembranças, varal de memórias e questionário aos pais ou responsáveis **10**

10º ENCONTRO: Assistir à apresentação de um grupo de Siriri e Cururu **12**

11º ENCONTRO: Exposição de trabalhos, varal de poesias, fotos do processo **14**

PROCESSO AVALIATIVO **15**

REFERÊNCIAS **15**

.

ANEXOS **16**

APRESENTAÇÃO

A presente proposta de intervenção teve como objetivo trabalhar a importância da inserção das manifestações culturais do Siriri e do Cururu no ambiente escolar, com a finalidade de desconstruir a visão dessas práticas como retrógradas e ultrapassadas. Além disso, as manifestações do Siriri e Cururu, carregam em sua ancestralidade muitos saberes e experiências que ao longo do tempo trouxeram atualizações e adaptações para que essas manifestações se mantivessem vivas. Oportunizar que os estudantes vivessem essa experiência foi convidá-los a refletirem sobre esses saberes e levá-los a serem os protagonistas nesta história cultural, sendo o ambiente escolar um local onde não só transmite o conhecimento mas que também preserva e valoriza a cultura local, trabalhando em conjunto o que as Leis nº 11.645/2008 [1]e 12.287/2010 [2]propõem, valorizando e fortalecendo através dessas leis o ensino de Arte na educação. Este estudo demonstrou a relevância do resgate das memórias culturais em parceria com os familiares, mobilizando os estudantes na produção coletiva da viola de cocho, na criação de poesias e em desenhos que representam essas manifestações culturais. A proposta de intervenção pedagógica foi desenvolvida na EMEB Aristotelino Alves Praeiro - Cuiabá/MT, com as turmas dos quartos anos matutinos, totalizando quarenta participantes. Esta pesquisa foi devidamente autorizada pelo comitê de ética da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.[3]

---

[1] **LEI 11.645/2008:** Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais

como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. §2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (BRASIL, 2008).

[2] **LEI 12.287/2010:** O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1o O § 2o do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, passa a vigorar com a seguinte redação:“Art. 26.....

.....

§ 2o O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.....

. .....” (NR) (BRASIL, 2010).

[3] **Autorização do Comitê de Ética:** Número do Parecer: 6.842.036

Foram realizados onze encontros durante o período regular de aulas, os quais totalizaram vinte e duas sessões dedicadas ao ensino de arte. Esses encontros tiveram como propósito promover reflexões teóricas e práticas, destacando a identidade e o reconhecimento como elementos constitutivos da cultura abordada.

O presente estudo fomentou um olhar reflexivo e decolonial por meio da cultura popular dos festejos do Siriri e do Cururu, com a intenção de valorizar o contexto sociocultural do estudante e promover seu sentimento de pertencimento ao ambiente cultural onde estão presentes essas manifestações. Desse modo, buscou-se garantir que o estudante reconhecesse e valorizasse sua identidade cultural e ancestral.

Objetivo geral:

Ensinar a importância das manifestações culturais do Siriri e do Cururu junto aos alunos dos quartos anos matutinos da EMEB Aristotelino Alves Praeiro, no ensino de arte em suas expressões regionais, promovendo o desenvolvimento cultural dos alunos. Busca- se, assim, impulsionar a valorização da cultura e da ancestralidade regional dentro da sala de aula.

Conteúdo/tema geral:

A pesquisa promoveu uma educação cultural decolonial nas escolas ao utilizar o ensino de arte para valorizar a cultura regional. Incentivou a reflexão dos estudantes sobre a importância da cultura popular como parte de sua identidade, fortalecendo seu senso de pertencimento à escola. A pesquisa dividiu-se em análise bibliográfica e intervenção pedagógica com, onze encontros, totalizando vinte e duas aulas. Questionários aplicados às famílias avaliaram o conhecimento sobre os festejos de siriri e cururu. A inclusão dessas culturas nas atividades escolares fomentou respeito, interculturalidade e preservação das tradições, criando um espaço inclusivo e formando cidadãos críticos conscientes da diversidade cultural. A intervenção pedagógica cumpriu as leis 11.645/08 e 12.287/10, valorizando a identidade cultural dos estudantes.

PLANEJAMENTO

PLANO DE AULA	
ARTE	
Unidades Temáticas/Linguagem	ARTES VISUAIS/ DANÇA/ MUSICA
Habilidades trabalhadas	(**EF15AR03**) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais. (**EF15AR04**) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais. (**EF15AR07.1MT .Cba**) Reconhecer categorias do sistema das artes visuais de Mato Grosso especialmente de Cuiabá. (**EF15AR08**) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal. (**EF15AR13**) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos das funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana. (**EF15AR25**) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo -se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
Objetos de conhecimento	Matrizes estéticas e culturais, Materialidades: Experimentação de diferentes materiais para a produção de Arte Visual, Sistemas da Linguagem: Distinção de lugares próprios onde há difusão da Arte, Contextos e práticas, Patrimônio Cultural.

Procedimentos Metodológicos/Sequência didática

1º ENCONTRO

CONTEÚDO: CONTEXTO HISTÓRICO E O SURGIMENTO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DO SIRIRI E CURURU

RECURSOS

• Caixa de som, imagens impressas dos festejos de Siriri e Cururu, conteúdo impresso.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Acolhida
- Roda de conversa
- Apresentar as imagens impressas

Esse momento representou o início de uma construção conjunta de saberes, na qual se buscou dialogar, compartilhar e trabalhar em equipe. A apresentação do festejo do Siriri e Cururu, bem como a observação de cada discurso sobre o tema, foram fundamentais para possibilitar a continuidade das etapas subsequentes do processo.

OBJETIVOS PROPOSTOS PARA A SEQUÊNCIA DA AULA

- Explorar a origem e a história da cultura popular de siriri e cururu, desenvolvendo a capacidade de identificar e diferenciar as características principais dessas manifestações culturais, promovendo a apreciação cultural e o respeito às diversidades culturais presentes, de modo que se reconheçam como pertencentes a esta cultura e valorizem a importância desta cultura ancestral.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: Os estudantes foram convidados para uma roda de conversa, com o intuito de coletar informações sobre o que cada um sabia sobre a cultura do Siriri e Cururu, conversa essa que da largada a um processo de construção e troca de conhecimento.

IMAGEM DO PROCESSO

Figura 01: Roda de conversa.

(Fonte: Arquivo pessoal)

2º ENCONTRO

CONTEÚDO: PRODUÇÃO POÉTICA E VISUAL COM BASE NOS CONHECIMENTOS SOBRE A CULTURA DO SIRIRI E DO CURURU

RECURSOS

- Papel Sulfite
- Lápis de cor
- Canetas coloridas
- Lápis grafite

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Criação da Poesia com palavras chaves da pesquisa
- Ilustração da Poesia
- Trabalho em grupo

Esse momento de criação poética foi essencial para que os estudantes expressassem seus pensamentos e opiniões sobre a cultura popular presente em seus contextos de vida. Dessa forma, a produção poética foi realizada de maneira coletiva, permitindo que cada grupo elaborasse, de forma conjunta, poesias que valorizaram a cultura em questão.

OBJETIVOS PROPOSTOS PARA A SEQUÊNCIA DA AULA

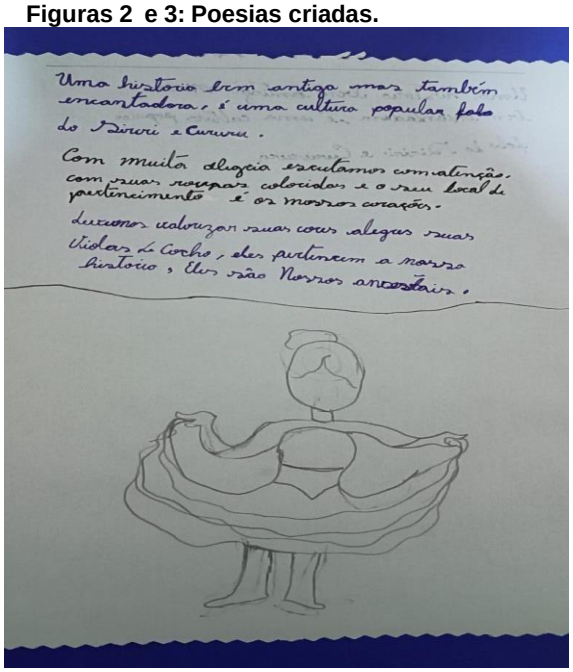
- Utilizar o conhecimento adquirido em sala de aula sobre Siriri e Cururu para expressar-se de maneira criativa e sensível, através de manifestações artísticas como a poesia e a ilustração.

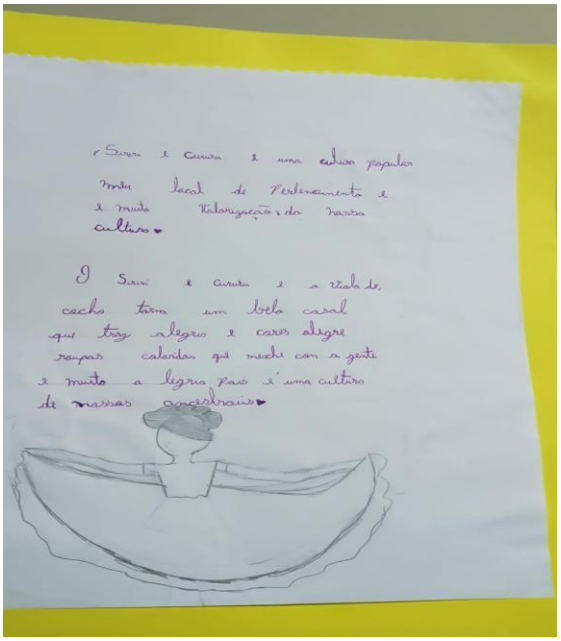
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: As turmas foram divididas em grupos, para que juntos criassem uma poesia que
pudesse

falar dos festejos populares do Siriri e Cururu.

IMAGENS DO PROCESSO

Figuras 2 e 3: Poesias criadas.





(Fonte: Arquivo pessoal)

3º ao 7º ENCONTRO

CONTEÚDO: CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTO USADO PELO CURURUEIRO – VIOLA DE COCHO EM 3D DE PAPELÃO.

RECURSOS

- Molde da viola de cocho
- Papelão
- Tesoura
- Pistola de cola quente
- Bastão de cola quente
- Lápis grafite

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Marcar o molde no papelão
- Recortar as partes marcadas
- Colar e montar a viola de cocho

Os estudantes utilizaram informações sobre as características, a história e a origem da viola de cocho. Com base nesses dados além de desenhos, medidas e materiais necessários criaram uma réplica do instrumento usando papelão. A construção foi realizada coletivamente: uma turma iniciava determinada etapa, e a turma seguinte dava continuidade de onde a anterior havia parado, até a conclusão do processo. Cada sala foi organizada em quatro grupos. A quantidade de violas produzidas foi equivalente ao número de grupos formados, já que cada grupo confeccionou uma réplica. O número de integrantes por grupo variava entre sete e oito alunos, conforme a presença no dia.

OBJETIVOS PROPOSTOS PARA A SEQUÊNCIA DA AULA

Permitir que os estudantes conheçam a história e a origem da viola de cocho, compreendam suas características específicas, desenvolvam habilidades artísticas e manuais, promovam a criatividade na decoração e finalização da réplica, e valorizem o patrimônio cultural local, destacando a importância de preservar e celebrar as tradições culturais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: elaboração em grupo da viola de cocho em papelão. após as modelagens no papelão, os estudantes começaram a fazer a montagem da viola de cocho. Após todos participarem da montagem da Viola de Cocho, a próxima etapa foi fazer o acabamento no instrumento, pintando ou colando tecidos de chita para deixar mais colorido.

IMAGENS DO PROCESSO

Figura 04: Iniciando a elaboração da viola de cocho com papelão:

(Fonte: Arquivo pessoal)

Figura 05: Continuação da Oficina, como fazer a viola de cocho com papelão.

(Fonte: Arquivo pessoal)

Figura 06: Continuação da Oficina, como fazer a viola de cocho com papelão.

(Fonte: Arquivo pessoal)

Figura 07: Acabamento no Instrumento Convencional.

(Fonte: Arquivo pessoal)

8º AO 9º ENCONTRO

CONTEÚDO: DESENHOS E PINTURAS NAS VIOLAS DE COCHO COM ELEMENTOS QUE REPRESENTE OS FESTEJOS DO SIRIRI E CURURU

RECURSOS

- Lápis grafite
- Tinta guache
- Pincéis chato
- Pincéis redondo
- Caneta permanente
- Tecido de chita
- Tesoura
- Pistola de cola quente
- Bastão cola quente

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Copiar os desenhos feitos da ilustração na viola de cocho
- Pintar os desenhos com tinta guache
- Colar tecido de chita na lateral da viola

A partir dos festejos do Siriri e Cururu, os estudantes produziram desenhos e pinturas nas violas de cocho confeccionadas em papelão, além de terem realizado entrevistas com familiares com o propósito de coletar memórias sobre estes festejos, valorizando assim os saberes dos familiares. As recordações coletadas foram organizadas e apresentadas em um Varal de Memórias, que foi exposto junto às violas decoradas, compondo uma mostra cultural no ambiente escolar. Essa atividade teve como objetivo valorizar as tradições culturais locais e promover uma conexão significativa entre os alunos e suas histórias de forma colaborativa.

OBJETIVOS PROPOSTOS PARA A SEQUÊNCIA DA AULA

Permitir que os estudantes explorem as tradições culturais do Siriri e Cururu de forma criativa e colaborativa, desenvolvendo habilidades artísticas e promovendo a apreciação e o respeito às diversidades culturais locais.

IMAGENS DO PROCESSO

Figura 08: Desenhando nas violas de cocho.

(Fonte: Arquivo pessoal)

Figura 09: Desenhos e pinturas na Viola de Cocho.

(Fonte: Arquivo pessoal)

Figura 10: Processo Finalizado: A imagem mostra o processo concluído da viola de cocho feita de papelão, prontas para a exposição, onde junto com outros materiais serão expostos para a comunidade visitar.

(Fonte: Arquivo Pessoal)

10º MOMENTO

CONTEÚDO: ASSISTIR À APRESENTAÇÃO DE UM GRUPO DE SIRIRI E CURURU

RECURSOS

- Quadra esportiva da unidade Escolar

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Reunir todas as turmas dos 4º anos
- Seguir as orientações do grupo de siriri e cururu
- Assistir as apresentações

Essa atividade facilitou o engajamento dos estudantes com a cultura do Siriri e Cururu, promovendo a valorização de suas tradições e contribuindo para o desenvolvimento de competências crítico e criativo.

OBJETIVOS PROPOSTOS PARA A SEQUÊNCIA DA AULA

Proporcionar aos estudantes uma experiência imersiva na cultura do Siriri e Cururu, desenvolvendo seu senso crítico e criativo, além de promover a apreciação e preservação das tradições culturais locais.

O grupo convidado levou ao estudante a vivência da cultura do Siriri, e também mostrou aos estudantes cânticos do Cururu, e os instrumentos que estão presentes em cada cultura, sendo a viola de cocho e o ganzá nas duas culturas. O mestre de siriri e cururu, cantou várias canções com os estudantes, usando a viola de cocho e em alguns momentos o ganzá e o mocho, sempre explicando o manuseio dos instrumento, os estudantes também foram convidados a entrar na roda e participar da dança.

IMAGENS DO PROCESSO

Figura 11: Visita do grupo de Siriri:.

(Fonte: Arquivo pessoal)

Figura 12: Apresentação do grupo de siriri e cururu.

(Fonte: Arquivo Pessoal)

11º MOMENTO

CONTEÚDO: CULMINÂNCIA - EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS, VARAL DE POESIAS, FOTOS DO PROCESSO

RECURSOS

- Espaço da escola
- Painel decorativo com as fotos das etapas do projeto
- Violas de cocho feita no coletivo das turmas para exposição
- Caixa com fotos das memórias das famílias participantes

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A apresentação do percurso trabalhado e dos resultados do processo com os estudantes, juntamente com a contribuição da família, foi realizada. Para isso, foi preparado um momento de exposição com os trabalhos desenvolvidos pelos alunos.

OBJETIVOS PROPOSTOS PARA A SEQUÊNCIA DA AULA

Promover o ensino-aprendizagem por meio de atividades que dêem significado à potência da cultura e ao conhecimento ou reconhecimento da história local, valorizando a contribuição da família no processo educativo e desenvolvendo o senso crítico e criativo dos alunos.
Após concluídas todas as etapas, chegou o dia de expor os materiais produzidos pelas turmas, as violas de cocho feitas no coletivo, os poemas feitos em grupos, imagens de cada processo foram colocadas no mural para apreciação.

IMAGENS DO PROCESSO

Figura 13: Exposição dos trabalhos desenvolvidos durante o processo.

(Fonte: Arquivo pessoa)

Figura 14: Exposição dos trabalhos desenvolvidos durante o processo: A imagem mostra famílias e estudantes de diversas turmas visitando os trabalhos desenvolvidos pelos estudantes dos 4º anos do fundamental I -Matutino.

(Fonte: Arquivo Pessoal)

PROCESSO AVALIATIVO

A intervenção cultural dos festejos do Siriri e Cururu na sala de aula promoveu a valorização da cultura regional e fortaleceu os laços comunitários. Através de práticas culturais, os estudantes e suas famílias participaram ativamente, resgataram tradições e criaram um ambiente de aprendizado envolvente.

A avaliação foi realizada através de feedbacks, observação direta, reflexão coletiva. Foram indicadores claros de sucesso, como o aumento da comunicação familiar e o engajamento dos estudantes nas atividades. Esta intervenção enriqueceu o aprendizado e promoveu um sentimento de pertencimento e orgulho entre todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

Escola Cuiabana - CUIABÁ . Ebook escola cuiabana. Elaboração Diretoria geral de gestão educacional/ Diretoria de Ensino, Cuiabá, 2019.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) Título: Modo de Fazer Viola de Cocho URL: https://bcr.iphan.gov.br/midias-registro/video-modo-de-fazer-viola-de-cocho. Data de Acesso: 03 de abril de 2024.

SILVA, Luiza Raquel Souza e; PINTO, Maurício Rodrigues. *Resistência da cultura popular: o Cururu e o Siriri diante do desafio de se perpetuar na cultura mato-grossense*. Trabalho apresentado no XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, Cuiabá, MT, 8 a 10 de junho de 2011.Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2011/resumos/R27-0158-1.pdf. Acesso em 18 de abril de 2024

SILVA, João. A origem do Siriri e Cururu. Blog Cultura Mato Grosso, 24 nov. 2016. Disponível em: https://culturamatogrosso.blogspot.com/2016/11/a-origem-do-siriri-e-cururu.html. Acesso em: 18 abril, 2024.

Siriri Elétrico. Siriri Elétrico [Instagram]. Disponível em: https://www.instagram.com/siririeletrico/related_profiles/. Acesso em: Acesso em 18/04/2024.

ANEXOS A -

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

EU **INÊS ROSA DE ARRUDA RIBEIRO**, CONVIDO VOCÊ A PARTICIPAR DO ESTUDO **"DECOLONIALIDADE NAS AULAS DE ARTE DO ENSINO FUNDAMENTAL I POR MEIO DO ENSINO DOS FESTEJOS DE SIRIRI E CURURU EM CUIABÁ-MT"**. INFORMAMOS QUE SEU PAI/MÃE OU RESPONSÁVEL LEGAL PERMITIU A SUA PARTICIPAÇÃO. QUEREMOS QUE VOCÊ E SEUS COLEGAS DA TURMA DO 4ºB APRENDAM SOBRE A CULTURA DOS FESTEJOS DO SIRIRI E CURURU. QUEREMOS QUE VOCÊS VALORIZEM ESSA CULTURA LOCAL, QUE É UMA IDENTIDADE QUE MARCA O LUGAR ONDE VOCÊS VIVEM. GOSTARÍAMOS MUITO DE CONTAR COM VOCÊ, MAS VOCÊ NÃO É OBRIGADO

(A) A APARTICIPAR E NÃO TEM PROBLEMA EM DESISTIR. OUTRAS CRIANÇAS PARTICIPANTES DESTA PESQUISA TÊM DE **09** ANOS A **10** ANOS DE IDADE. A PESQUISA SERÁ FEITA NA (SUA ESCOLA) **EMEB ARISTOTELINO ALVES PRAEIRO**, A AULA DE ARTE SERÁ DIVIDIDA EM VÁRIAS PARTES. PRIMEIRO, VAMOS CONVERSAR SOBRE O SIRIRI E CURURU. DEPOIS, VAMOS LER SOBRE ESSA CULTURA. EM SEGUIDA, VAMOS APRENDER MAIS SOBRE ELA COM EXPLICAÇÕES E VISITAS. POR FIM, VAMOS FAZER UMA CRIAÇÃO ARTÍSTICA SOBRE O TEMA. SERÁ UTILIZADO (PAPELÃO, FOLHA A4, TINTA GUACHE, PINCEL, TESOURA SEM PONTA E LÁPIS DE COR.) SÃO CONSIDERADOS SEGUROS, MAS É POSSÍVEL OCORRER SUJEIRAS E PEQUENOS CORTES, ENTÂO VAMOS TOMAR CUIDADO COM OS MATERIAIS COMO FAZEMOS NORMALMENTE NAS AULAS DE ARTE. CASO ACONTEÇA ALGO ERRADO, OU QUE DURANTE AS AULAS VOCÊ FIQUE INCOMODADO/A EM REALIZAR ALGUMA ATIVIDADE, VOCÊ, SEUS PAIS OU RESPONSÁVEIS PODERÃO NOS PROCURAR PELOS CONTATOS QUE ESTÃO NO FINAL DESTE TEXTO. A SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE, POIS NOS AJUDARÁ A COMPREENDER COMO VOCÊ SE RELACIONA COM SEUS COLEGAS DE TURMA E PODEREMOS ENTENDER COMO PODEREMOS NOS

RELACIONARMOS CADA VEZ MELHOR COM OS COLEGAS. TODAS AS INFORMAÇÕES RELACIONADAS COM ESTAS AULAS FICARÃO SOB SIGILO, NINGUÉM SABERÁ QUE VOCÊ ESTÁ PARTICIPANDO DESTA PESQUISA; NÃO FALAREMOS A OUTRAS PESSOAS, NEM DAREMOS A ESTRANHOS AS INFORMAÇÕES QUE VOCÊ NOS FORNECER. OS RESULTADOS DA PESQUISA SERÃO PUBLICADOS EM REVISTAS CIENTIFICAS, MAS SEM IDENTIFICAR (DADOS PESSOAIS, VÍDEOS, IMAGENS E ÁUDIOS DE GRAVAÇÕES) DOS PARTICIPANTES (CRIANÇAS/ADOLESCENTES).

O ALUNO(A) NÃO TERÁ NENHUMA DESPESA E TAMBÉM NÃO RECEBERÁ NENHUMA REMUNERAÇÃO REFERENTE A ESTA PESQUISA. ENTRETANTO, CASO O ALUNO (A) TENHA ALGUMA DESPESA DECORRENTE DESTA PESQUISA SERÁ TOTALMENTE RESSARCIDO/A PELO PESQUISADOR RESPONSÁVEL.

CASO VOCÊ ALUNO(A) VENHA A SOFRER QUALQUER TIPO DE DANO RESULTANTE DE SUA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA, PREVISTO OU, TERÁ DIREITO À INDENIZAÇÃO, POR PARTE DO PESQUISADOR. OS PARTICIPANTES DA PESQUISA SERÃO INDENIZADOS POR QUALQUER DANO QUE POSSA OCORRER EM DECORRÊNCIA DA PESQUISA, DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO 466/2012 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS).

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

EU, (escreva aqui seu nome completo)

_____

ACEITO PARTICIPAR DA PESQUISA "**DECOLONIALIDADE NAS AULAS DE ARTE DO ENSINO FUNDAMENTAL I POR MEIO DO ENSINO DOS FESTEJOS DE SIRIRI E CURURU EM CUIABÁ-MT**". ENTENDI AS COISAS RUINS E AS COISAS BOAS QUE PODEM ACONTECER. ENTENDI QUE POSSO DIZER "SIM" E PARTICIPAR, MAS QUE, A QUALQUER MOMENTO, POSSO DIZER "NÃO" E DESISTIR E QUE NINGUÉM VAI FICAR COM RAIVA/CHATEADO COMIGO. OS PESQUISADORES ESCLARECERAM MINHAS DÚVIDAS E CONVERSARAM COM OS MEUS PAIS ou RESPONSÁVEL LEGAL. RECEBI UMA CÓPIA DESTE TERMO DE ASSENTIMENTO, LI E QUERO/CONCORDO EM PARTICIPAR DA PESQUISA/ESTUDO (atividades propostas).

Cuiabá ,_____DE_____DE_____

ASSINATURA DA CRIANÇA

ASSINATURA DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL

EM CASO DE DÚVIDAS COM RESPEITO AOS ASPECTOS ÉTICOS DESTA PESQUISA,VOCÊ PODERÁ CONSULTAR:	
PESQUISADOR RESPONSÁVEL	**INÊS ROSA DE ARRUDA RIBEIRO** QUE PODE SER CONTACTADA PELO TELEFONE:(66)9.9648-2693 **E-MAIL**: ines.rosa.arruda@ufms.br **ENDEREÇO PROFISSIONAL:** AV.PROJETADA S/Nº,QUADRA 58 –BAIRRO 1º DE MARÇO CEP: 78058-639 CUIABÁ-MT, **E-MAIL**:emeb.aristotelino.praeiro@sme.cuiabá.mt.gov.br
PESQUISADORA COLABORADORA	**SIMONE ROCHA DE ABREU** QUE PODE SER CONTACTADA PELO TELEFONE: (67)9.9294-2616, **E-MAIL**: simone.rocha.abreu@ufms.br **ENDEREÇO PROFISSIONAL:** CIDADE UNIVERSITÁRIA. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL AV. COSTA E SILVA, S/Nº –BAIRRO UNIVERSITÁRIO CEP: 79070-900 – CAMPO GRANDE – MS -BLOCO 8.
EM CASO DE DÚVIDA OU NECESSITE DE MAIS INFORMAÇÕES: O PARTICIPANTE PODE ENTRAR EM CONTANTO COM CEP (**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS**). CAMPUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, LOCALIZADO NA AVENIDA COSTA E SILVA, S/N – PRÉDIO DAS PRÓ-REITORIAS,1º ANDAR –SALA DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS-CEP,CAMPO GRANDE- MS, PELO NÚMERO DE TELEFONE DO CEP **3345-7187**, OU PELO **e-mail**: cepconep.propp@ufms.br.	

ANEXO - B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Responsável)

A CRIANÇA PELA QUAL VOCÊ É RESPONSÁVEL

ESTÁ SENDO CONVIDADO (A) A PARTICIPAR DA PESQUISA INTITULADA **"DECOLONIALIDADE NAS AULAS DE ARTE DO ENSINO FUNDAMENTAL I POR MEIO DO ENSINO DOS FESTEJOS DE SIRIRI E CURURU EM CUIABÁ-MT"**, DESENVOLVIDA PELA PROFESSORA **INÊS ROSA DE ARRUDA RIBEIRO.**

OBJETIVO: É BUSCAR ATRAVÉS DOS FESTEJOS TRADICIONAIS DO SIRIRI E CURURU, A CULTURAL REGIONAL E O RECONHECIMENTO DE PERTENCIMENTO DA CULTURA DOS ESTUDANTES DA EMEB. ARISTOTELINO ALVES PRAEIRO.

PARTICIPAÇÃO: SUA PARTICIPAÇÃO É MUITO IMPORTANTE, UMA VEZ QUE AJUDA NA CONSTRUÇÃO DE VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS, E NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO CULTURAL EM SALA DE AULA.

CONSENTIR: A PARTICIPAÇÃO DELE (A) É ATO **VOLUNTÁRIO**, ISTO É, NÃO OBRIGATÓRIO, E VOCÊ TEM PLENA AUTONOMIA PARA DECIDIR SE QUER OU NÃO QUE O (A) ALUNO (A) SOB SUA RESPONSABILIDADE PARTICIPE, BEM COMO RETIRAR A SUA ANUÊNCIA A QUALQUER MOMENTO.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS: OS RISCOS DE CANSAÇO E/O DESCONFORTO SÃO MUITO PEQUENOS, QUE SERÃO REDUZIDOS PELO FATO DA PESQUISA SER REALIZADA EM AMBIENTE CONHECIDO DAS CRIANÇAS: A ESCOLA.

OS RISCOS POTENCIAIS "COMPROVADOS OS DANOS SERÃO INDENIZADOS" IDENTIFICADOS DE CUNHO MATERIAL COMO QUEBRA DO TRABALHO OU SITUAÇÕES ADVERSAS NO ESPAÇO ESCOLAR COMO QUEDA POR EXEMPLO. OS ALUNOS ESTARÃO SENDO MONITORADOS PARA A REALIZAÇÃO DAS INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS NO ESPAÇO ESCOLAR.

SERÁ PRESTADA TODA ASSISTÊNCIA AO PARTICIPANTE DA PESQUISA,

SOBRETUDO EM CASO DE COMPLICAÇÕES E INTERCORRÊNCIAS DE PESQUISA. DESTACANDO-SE NECESSIDADE DE: EXPLICITAÇÃO DOS POSSÍVEIS DESCONFORTOS E RISCOS DECORRENTES DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA, ALÉM DOS BENEFÍCIOS ESPERADOS DESSA PARTICIPAÇÃO E APRESENTAÇÃO DAS PROVIDÊNCIAS E CAUTELAS A SEREM EMPREGADAS PARA EVITAR E/OU REDUZIR EFEITOS E CONDIÇÕES ADVERSAS QUE POSSAM CAUSAR DANO, CONSIDERANDO CARACTERÍSTICAS E CONTEXTO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA.

O ALUNO(A) NÃO TERÁ NENHUMA DESPESA E TAMBÉM NÃO RECEBERÁ NENHUMA REMUNERAÇÃO REFERENTE A ESTA PESQUISA. ENTRETANTO, CASO O ALUNO (A) TENHA ALGUMA DESPESA DECORRENTE DESTA PESQUISA SERÁ TOTALMENTE RESSARCIDO/A PELO PESQUISADOR RESPONSÁVEL.

CASO VOCÊ ALUNO(A) VENHA A SOFRER QUALQUER TIPO DE DANO RESULTANTE DE SUA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA, PREVISTO OU, TERÁ DIREITO À INDENIZAÇÃO, POR PARTE DO PESQUISADOR. OS PARTICIPANTES DA PESQUISA SERÃO INDENIZADOS POR QUALQUER DANO QUE POSSA OCORRER EM DECORRÊNCIA DA PESQUISA, DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO 466/2012 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS).

METODOLOGIA A AULA DE ARTE SERÁ CONSTRUÍDA MEDIANTE CONVERSAS COM OS (AS) ESTUDANTES, LEITURAS SOBRE A CULTURA DO SIRIRI E CURURU, CONTEXTUALIZAÇÃO, VISITAS E APRESENTAÇÕES DE GRUPOS DE SIRIRI E CURURU, E ELABORAÇÃO DE FAZER ARTÍSTICO.
SIGILO: O NOME DO (A) ESTUDANTE FICARÁ EM SEGREDO EM TODAS AS FASES DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA.
RETIRADA DO CONSENTIMENTO: CASO VOCÊ NÃO TENHA ENTENDIDO ALGUMA EXPLICAÇÃO OU NÃO QUEIRA MAIS PARTICIPAR DESSA PESQUISA, POR FAVOR, FALE COM OS PESQUISADORES.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: INÊS ROSA DE ARRUDA RIBEIRO QUE PODE SER CONTACTADA PELO TELEFONE (66) 9.9648-2693/E-MAIL ines.rosa.arruda@ufms.br

ENDEREÇO PROFISSIONAL: AV. PROJETADA S/Nº. QUADRA 58 – BAIRRO 1º DE MARÇO CEP 78058639 – CUIABÁ- MT, E-MAIL: emeb.aristotelino.praeiro@sme.cuiabá.mt.gov.br
PESQUISADORA COLABORADORA: SIMONE ROCHA DE ABREU QUE PODE SER CONTACTADA PELO TELEFONE: (67) 9.9294-2616/ E-MAIL simone.rocha.abreu@ufms.br
ENDEREÇO PROFISSIONAL: CIDADE UNIVERSITÁRIA. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, AV. COSTA E SILVA, S/Nº – BAIRRO UNIVERSITÁRIO CEP: 79070- 900 – CAMPO GRANDE – MS -BLOCO 8.

EM CASO DE DÚVIDA OU NECESSITE DE MAIS INFORMAÇÕES: O PARTICIPANTE PODE ENTRAR EM CONTANTO COM CEP (COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS). CAMPUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, LOCALIZADO NA AVENIDA COSTA E SILVA, S/N – PRÉDIO DAS PRÓ-REITORIAS, 1º ANDAR –SALA DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS-CEP, CAMPO GRANDE- MS, PELO NÚMERO DE TELEFONE DO CEP 3345-7187, OU PELO e-mail:cepconep.propp@ufms.br.

ASSINALE ABAIXO A SUA CONCORDÂNCIA OU NÃO REFERENTE A PARTICIPAÇÃO DO(A) ALUNO(A) SOB SUA RESPONSABILIDADE NESTA PESQUISA:
( ) SIM ( ) NÃO

SE CONCORDAR COM A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA, VOCÊ AUTORIZA REGISTROS DE AUDIO, FOTOGRAFIAS E VÍDEOS VISANDO O REGISTRO DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS E PRESERVANDO A IDENTIDADE DOS (AS) ALUNOS (AS):
( ) SIM ( ) NÃO

CASO O(A) RESPONSÁVEL PELO(A) ALUNO(A) OPTAR POR NÃO PARTICIPAR DA PESQUISA OU VENHA A DESISTIR DE SUA PARTICIPAÇÃO AO LONGO DO PROCESSO, EXISTE A GARANTIA DE QUE O CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DA DISCIPLINA SERÁ MINISTRADO INTEGRALMENTE SEM PREJUÍZO NA APRENDIZAGEM.

CUIABÁ,_____DE_____DE_____.

Nome completo (responsável legal pelo participante) Data

Nome completo (pesquisador responsável) Data

ANEXO- C

QUESTIONÁRIO OBJETIVO PARA A FAMÍLIA

1. Você conhece ou lembra de algum festejo popular que participou quando criança? Se sim, escreva qual era o nome do festejo.

_____
_____
_____
_____

2. Se sim, você possui registros guardados da época que participava do festejo popular?

_____
_____
_____

3. Para você, os festejos populares são importantes?

_____
_____
_____
_____

4. Você conhece os festejos siriri e cururu?

_____
_____
_____
_____

5. Você pode contribuir para o nosso varal de memórias com alguns objetos dos festejos populares? Ao finalizar a exposição os objetos serão devolvidos aos donos responsáveis. No caso de fotos, será feito uma cópia, entregando a original ao dono e a cópia irá para exposição.

_____
_____
_____
_____